

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

A carne perfurada e uma geração modificada: *body modification*, sensações e contemporaneidade.

UBERLÂNDIA

2013

NATHALIA HELENA TOMAZINI ZANCO

A carne perfurada e uma geração modificada: *body modification*, sensações e contemporaneidade.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS-UFU) como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História.

Orientadora: Professora Dra. Jacy Alves de Seixas.

UBERLÂNDIA

2013

Agradecimentos

Não tem como não começar por minha família. Agradeço ao meu pai, em primeiro lugar. Sem ele eu nunca teria realizado este sonho de me formar e, sobretudo, em uma Universidade pública. Agradeço a todos os incentivos, os conselhos (meu Oráculo de Delfos) e a incrível dedicação, amor e compreensão dele em épocas mais difíceis, que ele certamente sabe quais foram. À minha mãe (*in memoriam*), a quem tive como exemplo de muita força e persistência. Pai e mãe, que assim como eu, também saíram de casa muito jovens e foram em busca de sonhos longe da família. Amo vocês. Agradeço meus dois irmãos, pela compreensão, pelo amor e por acreditarem em mim. Amo vocês, também. Amor incomensurável. À mulher do meu pai, Iza, por fazer tão bem a ele e por sempre dar-nos carinho e generosidade.

Agradeço a todos os professores que tive na graduação, os de Piracicaba, da Universidade Metodista de Piracicaba, os da FACIP/Ituiutaba-UFU – enquanto estive lá, conheci pessoas incríveis, maravilhosas, que me injetavam uma boa dose de ânimo na medula toda vez que aquela cidade tentava em me fazer desistir. E aos daqui da UFU-Santa Monica, que foram grandes mestres da minha jornada.

Aos meus amigos de jornada, aos companheiros que fiz com muito amor e afeto. Às republicas em que morei e a todos os/as companheiras(os) com os quais eu dividi um teto, pois, por maior que tenham sido as nossas divergências, aprendi muito com todos, na alegria e na tristeza.

Aos cafés e cigarros – e ao fato de ter largado o vício do cigarro, no final da graduação. Aos bares e as cervejas, por terem lubrificado minhas ideias e por terem feito engolir melhor outras. Aos chãos que limpei nos primeiros trabalhos que consegui durante a graduação e que me fizeram ter mais força e coragem para seguir adiante e conquistar os sonhos verdadeiros.

Aos queridos Marcelo Abreu, Virginia Célia Camillotti e Luiz Antonio Calmon Nabuco de Lastória, vulgo, Buco. A Deivy Carneiro, pelas palavras que me deu, durante nosso estágio supervisionado, e que nunca mais esqueci. Um “muito obrigada” para vocês. Logicamente, um “muito obrigada” à minha querida orientadora, pois a tenho como exemplo de sapiência e jovialidade libertadora.

Agradeço ao Thiago Soares, mentor do site especializado em modificações corporais *FrrrkGuys* e que me cedeu toda a sua paciência e experiência como um dos

únicos historiadores que também trabalhou com o tema que eu escolhi para este trabalho.

Aos meus verdadeiros amigos de curso, não vou falar nomes, sei que irão faltar alguns, então nem irei citar o primeiro. Ao jambolão, por proporcionar sombra e conversas agradáveis atrás do bloco H.

À Luana Fidêncio, pela paciência com minhas dúvidas e com minha pesquisa. “É nós”, Lulu!

Agradeço imensuravelmente ao meu amor, Filipe, pela paciência, compreensão, pelo amor, por acreditar em mim, por passar dias e dias, desses dois últimos anos ao meu lado, fortificando-me toda vez que eu estava cansada e desanimada. Te amo!

Esqueci-me de pessoas, mas transbordou amor.

A forma como os sentimentos são vivenciados e se exprimem estão ameaçados de uma certa forma em um período de transição, de instabilidade, de mudança permanente das referências, de aceleração, e mal-estar. É preciso colocar uma questão: está em declínio a nossa capacidade de sentir diante das formas tomadas pelo individualismo contemporâneo?

CLAUDINE HAROCHE, Colóquio Internacional sobre
Humilhação, Campinas, 2004.

Eu vi os expoentes da minha geração, destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus, arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa, hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelado da maquinaria da noite(...)

UIVO, Allen Ginsberg, 1944/1945

RESUMO

Este estudo tem como objetivo fazer uma explanação sobre as reflexões feitas por pesquisadores que tratam das noções de *body modification* e ainda, em certa medida, de *body art*, e sua relação conjunta com o fenômeno hipermoderno do que alguns autores chamam de tribos urbanas. Não obstante, tentaremos lançar um olhar sobre essas novas formas de existir e, sobretudo, sentir na hipermodernidade, particularmente no que tange ao contexto juvenil. Inicialmente, tentaremos fazer um panorama breve sobre a polissemia do conceito *body modification*, juntamente com alguns paralelos sobre os conceitos de *body art*, *underground*, *performance*.

Em seguida, apresentaremos as modalidades da *body modification*, compreendida enquanto modos específicos de apropriação de práticas milenares no contexto citadino, ou seja, as questões que se referem às modificações corporais que perpassam grupos urbanos de gueto. Juntamente com esse processo apresentaremos noções interligadas, de sentimentos e sensações, com relação a tais práticas, juntamente com conceitos de estranheza, bizarrice e horror.

Por último, tentaremos lançar um singelo olhar sobre o contexto histórico que germinou as tribos urbanas e, conseqüentemente, sobre os adeptos das modificações corporais. E ainda nesse sentido, tentaremos suscitar algumas questões complexas que se relacionam com a questão da formação de subjetividades contemporâneas, sentimentos e identidade nas metrópoles.

Palavras-chave: *body modification* - *body art* – contemporaneidade - sentimentos - tribos urbanas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 - Singela História da <i>body modification</i> e suas polissemias	19
1.1 - <i>Body art</i> e <i>body modification</i> . Breves considerações: o corpo que sente	19
1.2 - <i>Body modification</i> : entre técnicas e mutações/metamorfoses/transformações.	29
CAPÍTULO 2 - <i>Body modification</i> e suas modalidades: o estranho, o horror e o fascinante	46
2.1 - <i>Freak Show</i> : o show da sensação de morte	46
2.2 - Tatuagem	54
2.3 - Escarificação	66
2.4 - Bifurcações da língua ou <i>Tongue Splitting</i>	69
2.5 - Implantes Subcutâneos ou transdermal	
2.6 - <i>Piercings</i>	72
2.7 - Alargadores	75
2.8 - Suspensões	76
2.9 - <i>Modern Primitives</i>	81
CAPÍTULO 3 - As tribos urbanas e a construção do eu: um lugar para chamar de meu.....	86
3.1 –Panorama histórico: tribos urbanas, identidade nas metrópoles e sentimentos	86
3.2 – Tribos urbanas: uma história de contestação e sentimentos de dissidência	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96

Introdução

Antes de iniciarmos qualquer discussão sobre o tema principal desse trabalho, a *body modification/body art*, retornarei, saudosamente, à minha adolescência. Eram os bares dos motoclubes, os shows musicais da cena *underground*, os namorados que eu tinha e os amigos, em suma, o que era considerado *underground*¹ e sempre esteve presente em minha vida. Na linguagem de Michel Maffesolli, eu compunha uma *tribo* — utilizarei esse termo agora para fazer referência ao fenômeno das *tribos urbanas* ou *neotribalismo pós-moderno*, termo cunhado por este autor em 1985².

Para Maffesolli as *tribos urbanas*, ou o *neotribalismo juvenil* equivaleria a um tipo de reação frente a uma sociedade fragmentada, fria, individualista, competitiva e burocrática. Tais agrupamentos juvenis permitem um encontro afetivo e também possibilitam supostas dissidências, comunhão e expressão identitária. Este trabalho não será somente sobre os fenômenos das *tribos urbanas*, mas tal tema será o ponto de partida para desenvolver as considerações sobre o tema pretendido. Dentro desse fenômeno pós-moderno, pontuamos o culto à imagem, às sensações e às estéticas violentas. As tribos urbanas também possuem características apologéticas à

¹ A cultura *underground* aqui é compreendida como as artes plásticas, a música, a literatura, todas as manifestações artísticas e culturais advindas das culturas urbanas contemporâneas e que, entretanto, de alguma maneira, se esforçam para sair dos padrões mercadológicos, do que está “na moda”, do que é apresentado na mídia. O *underground* é o famoso “feito no porão”, “na garagem”. A expressão *underground* vem do inglês e significa “subterrâneo”. Em suma, é a cultura produzida pelos guetos urbanos das grandes cidades. Apesar de muitos movimentos da cena juvenil urbana contemporânea permanecerem no *underground*, algumas viram moda, saem do considerado *subterrâneo*, e entram na moda. Especialistas no assunto dizem que uma manifestação artística, uma banda, um livro, qualquer forma de expressão que seja, quando entra na moda, tem grande notoriedade popular, ela é considerada *mainstream*. Compreendo esse termo como uma gíria que indica que uma determinada manifestação cultural, ou forma de expressão, caiu no gosto da cultura de massas, ou seja, arrisco a dizer que é quando um determinado elemento cultural sai de sua forma *underground*, pois assumiu as formas pressupostas da indústria cultural, tornando-se rentável de alguma forma. Cabe esclarecer aqui que nenhum movimento cultural urbano contemporâneo está livre de cair nas amarras do capitalismo tardio, como veremos adiante. *Mainstream* é uma expressão inglesa e significa “corrente principal”, dando a ideia de um “gosto coletivo” das massas. *Mainstream* é um adjetivo relativo à expressão do inglês *conventional* que significa convencional.

² Aqui competiria um extenso capítulo sobre a noção da expressão “tribos urbanas”. Não levantarei questionamentos, *a priori*, apenas irei me referir ao termo que Maffesolli utiliza. Tribo urbana é um fenômeno social, uma espécie de resposta, segundo os estudiosos do tema, à fragilidade da constituição identitária moderna. Não irei expor aqui elementos detalhados sobre o assunto, deixarei para aprofundá-la posteriormente, mas, as tribos urbanas são uma forma de manifestações de novas expressões identitárias oriundas do século XX e que permitem, dentro de alguns limites, a comunhão entre jovens num determinado grupo, isso quer dizer que as tribos urbanas, além de permitirem essa comunhão, também abrem brecha para exclusão. Cada gueto tem suas leis, ela acolhe e exclui ao mesmo tempo, ao mesmo tempo em que ela permite ao jovem subverter-se frente aos padrões tradicionais do mundo contemporâneo, ela também o aprisiona em regras internas que devem ser respeitadas.

autodestruição e à dor. Estou me referindo, mais propriamente à *body modification* cuja intenção principal é a apropriação de práticas culturais, muitas delas milenares, consideradas exóticas para o cenário citadino.

Enfim, eu era adolescente e me vestia, agia, sentia como parte desse universo e, sobretudo, comungava com outras pessoas, gostos, música, estilo, literatura, fitas cassete gravadas direto de *LP's* contendo o som de bandas de *heavy metal*, com aqueles barulhinhos típicos de disco de vinil. Isso tudo lá em Rio Claro, cidade do interior de São Paulo. As pessoas do meu convívio eram todas bem cabeludas, tatuadas, cheias de *piercings* e brincos, algumas com rasgos e saliências na pele, e eu estava sempre com um punhado de pessoas que ouviam o estilo mais pesado do *heavy metal*, do *hard core* e do *trash metal*, logo eu também me comportava como tal, me vestia, ouvia as mesmas músicas, inclusive, confesso comungar algumas particularidades de gosto dessa cena até hoje. Íamos aos festivais de música nas cidades vizinhas, pois, em São Paulo as cidades são bem próximas umas das outras, e um simples ônibus interurbano, que ligava uma cidade a outra, já bastava para garantir encontros com as cenas das cidades vizinhas e podíamos estender nossa comunhão, trocávamos endereços e cartas manuscritas. A internet era coisa rara e a graça estava em continuar mantendo os contatos através de cartas postais com materiais gravados; um *demo tape* de algum som que nunca havíamos escutado, por exemplo. Enfim, era um cenário diferente do que temos ainda hoje, aqui na região de Uberlândia, onde uma cena *underground* ainda não chegou a se consolidar e já enfrenta dificuldades em tomar corpo.

Mas enfim, a alusão a todas essas lembranças nostálgicas refere-se ao desejo de se trazer a *body modification* e as tribos urbanas para o foco da discussão. Esta cena que mencionei, e cujo termo mais comum cunhado para designá-la é o *underground*, possui vertentes e segmentos diversos. Vertentes estas oriundas dos anos de 1960/70 e que tiveram seu ápice nos anos de 1980, mas que trouxeram consigo toda uma filosofia de vida e estilos, entre eles também as modificações corporais, salientando que a *body modification* não é característica exclusiva desse grupo e suas vertentes.

Aliás, as modificações corporais sempre estiveram presentes na história da humanidade, seja como atitudes de higiene, como, por exemplo, o hábito de cortar as unhas, os cabelos, os pelos etc., seja em rituais tribais primitivos. A modificação corporal a qual irei me referir neste trabalho diz respeito à estética/comportamento aparente em grupos denominados como tribos urbanas; estou falando de *piercings*, tatuagens, perfurações, bifurcações de membros, alargamento de orifícios, implantes

subcutâneos de silicone, inseridos por debaixo da pele de modo que fiquem salientados, esscarificações na pele, suspensão do corpo através de ganchos, queimaduras artísticas, tatuagem nos olhos, alargadores nasais, enxertos de pele, dentes lixados, e até mesmo amputações voluntárias de dedos dos pés ou outros membros.

Não irei aqui me ater aos nomes e exatamente o que são essas técnicas, já que haverá um dos capítulos para exposição dessa questão. Aqui foram citados de maneira superficial apenas alguns exemplos de modificações. Haverá, posteriormente, um capítulo apenas para organizar historicamente os adeptos das modificações corporais, inclusive, tentarei estabelecer as supostas diferenças entre *body modification* e *modern primitive*. Alguns autores gostam de separar os *modern primitive* da *body modification*. Segundo estes teóricos, a *modern primitive* refere-se a modificações corporais tribais praticadas por ocidentais de maneira mais aproximada com a prática original, como os exemplos das fotos dos povos tribais, expostas em revistas de teor antropológico. Mas, esses são detalhes que ficarão para serem discutidos em um outro momento.

A questão que dará algum rumo a minha pesquisa será a indagação sobre como e o que são esses meios de modificações que foram adaptados para a contemporaneidade, como esses grupos procedem numa sociedade conhecida como líquida, efêmera, do espetáculo e baseada na exacerbação das sensações. Praticamente, uma tentativa bem humilde de promover um breve mapeamento da história desses grupos, organizar as reflexões existentes a respeito do tema, ou seja, traçar uma teia de elementos sobre os motivos mais comuns que levam uma pessoa a não se incomodar em sentir dor para modificar consideravelmente sua aparência. Estamos falando ainda das sensações que são causadas por esses procedimentos “cirúrgicos” voluntários. E quando me refiro a procedimentos cirúrgicos voluntários, não estou me referindo apenas à pessoa que se submete a uma cirurgia plástica extremamente invasiva no abdômen para fins estéticos, ou a um *peeling* no rosto, na busca, às vezes exagerada, pelo rejuvenescimento.

Estamos falando de pessoas que, por um determinado ideal não necessariamente estético, sentem dor para modificar seus corpos, para quem sabe problematizar, chocar e/ou causar horror, ou talvez apenas para subverter, ou para responder a um gosto pessoal. Há alguns anos eu tive a oportunidade de ver o caso de um amigo, que reside na cidade de Barra Bonita/SP, que passou pelo processo de suspensão em ganchos, ele, inclusive, já possuía diversas modificações como tatuagens, bifurcação da língua, implantes de silicone nos braços, entre outras, mas, ele ainda

assim ansiava pela experiência da suspensão nos ganchos. Então, quando nos encontrávamos pelos porões de bares, ele sempre me mostrava algo novo que havia “perfurado”, “cortado”, “colorido” ou contava, de maneira enérgica e fascinada, sobre suas suspensões pelos ganchos, inclusive sobre o papel fundamental que as trilhas sonoras possuíam para ele durante aquelas experiências.

Confesso que o que aguçava a minha curiosidade, muito além de suas bolinhas de silicone por debaixo da pele e ouvir sobre o “barato” que ele dizia que a suspensão em ganchos proporcionava, era saber sobre a sensação e o motivo para tanta satisfação. Não tenho as respostas ainda sobre isso, apenas dúvidas, mas quem sabe nesse trabalho consigamos nos aproximar de algo, não prometo nada. Estamos falando de sensações experimentadas e vivenciadas pelo corpo para expor e feri-lo. Numa sociedade em que tudo se desmancha no ar, tudo é efêmero, líquido, a sensação de forma exacerbada vem para indicar a vida? Seja ela até na forma da dor?

E, desde quando há história do homem, há também fascinação e, por que não, curiosidade com relação ao horror. Esse trabalho apresentará comportamentos e estéticas que beiram ao bizarro aos olhos mais desavisados, mediante isso, também tentarei lançar, nem que seja, uma migalha de contribuição sobre o que seriam determinadas práticas denominadas como bizarrice, tanto de quem sente no caso o adepto, tanto de quem só observa.

Porém, até eu entrar na universidade para cursar História, esses grupos com suas características nunca tinham me aparecido como objeto de análise e estudo, já que inserida no meio dos seus adeptos, esse universo tornou-se para mim algo naturalizado, cotidiano. Mas, quando eu estava no segundo ano de faculdade na cidade de Piracicaba/SP, tive aulas com Luís Antônio Calmon Nabuco de Lastória, vulgo, Buco, professor na época do curso de Psicologia e que ministrava aulas também no curso de História. A disciplina chamava-se Psicologia, Educação e Cultura, não sei se era necessariamente nessa ordem, e durante nossas leituras e estudos, descobri__ através de um texto de sua autoria que me foi apresentado e que, por sinal, vou utilizar como fonte nesta pesquisa__ que um de seus objetos de pesquisa era a *body modification*.

O interesse e a curiosidade pelo assunto haviam germinado, a cartada final ficou por conta das disciplinas cursadas na História, já aqui em Uberlândia, ministradas pela professora Jacy Alves de Seixas, a primeira foi Contemporânea I e a outra foi Constituição do Homem Moderno. Ambas de suma importância e interligadas entre si. Graças a essas disciplinas pude compreender mais a complexidade dessa

contemporaneidade tardia. Entre textos e investigações sobre a modernidade e a contemporaneidade, pudemos fazer uma interlocução entre a modernidade que fragmenta e coordena novas formas de relações culturais e sociais e os sintomas desta modernidade em colapso.

Os desdobramentos nada estáticos da modernidade instituíram novos paradigmas e, não obstante, nos presentearam com a multiplicidade de “Eu’s”, de máscaras. Tal projeto de modernidade, calcado num projeto idealista de individualidade, acaba sobrepujado pela razão instrumental derivando para a contemporaneidade a necessidade do “Eu” de se organizar e se agrupar de forma defensiva para sobreviver perante a diversidade e os temores das mais variadas naturezas. A busca por uma identidade nesse contexto revela talvez as incertezas quanto à constituição de individualidade.

Em geral, a dita “revolução tecnológica” e a pós-modernidade, geraram novas formas de expressão de identidade coletiva que abraçam para si próprias a busca do controle sobre as vidas dos jovens e, sobretudo, do meio em que vivem. O que me chama atenção aqui é o modo como esses jovens estão se apropriando destas modificações corporais, para se expressar, ao invés de escreverem uma música, pintarem, eles modificam seus próprios corpos, o corpo passa a ser a tela da obra de arte. O corpo sustenta os caracteres, não o papel ou outro suporte.

Vemos nas ruas, jovens com aparências que não víamos há décadas atrás. Suas ambivalências vão da fascinação ao horror. São capazes de chocarem e fascinarem o observador. Visualizamos esses grupos perambulando, em maior número, pelos grandes centros, onde dividem espaço, disputam, sentem e comungam.

Retornando à Piracicaba, lembro-me de ter tido aulas com vários professores de outros cursos, no curso de História da Unimep³, professores da Filosofia, Psicologia, Letras etc., estávamos sempre dialogando com outras áreas do saber. Creio que isso foi a maior influência para o método discursivo desse projeto, aqui caberá um pouco também de Filosofia, Antropologia, Ciência Sociais, Psicanálise e demais contribuições das Ciências Humanas, não irei me comprometer com esta ou aquela metodologia específica, já que, para se escrever história contemporânea, não podemos abrir mão de tais contribuições, da multidisciplinaridade. Porém, sempre com a consciência de que método e rigor garantem a construção do conhecimento histórico.

³ Universidade Metodista de Piracicaba.

Desculpem se decepcionei alguém que porventura achou que este seria um trabalho rigorosamente feito num arquivo empoeirado, resolvi tentar escrever/problematizar sobre o contemporâneo e é justamente aqui que me desculpo novamente, pois, assim como as sábias palavras de Eric Hobsbawn, no prefácio da grandiosíssima obra *Era dos extremos*, por conta da excessiva contemporaneidade de meu tema, também posso cair nas mazelas do preconceito de quem “vê” e “ouve” aquilo que escreve, ou seja, posso cair na própria armadilha do que Hobsbawn chama de “observador participante”. Historiar o presente é tencionar dar conta da contemporaneidade permeada pelas nossas experiências, é estar sob o crivo de inúmeras questões com relação às quais demonstramos ignorância e podemos, inclusive, defender opiniões polêmicas. Mas, quem disse que o trabalho do historiador é livre de subjetividade?

O foco aqui é o jovem; como eles estão se relacionando? Como estão se identificando? Como estão sentindo? Em uma época em que o “aqui e o agora” é a força motriz, o fenômeno das tribos urbanas vem para imprimir um sentido à existência desses jovens que estão cada vez mais desatados das tradicionais pilastras que sustentavam o tradicionalismo moderno? Nesse sentido a *body modification*, com suas características híbridas, vem para confundir valores e até mesmo confundir gênero e natureza?

Segundo Nizia Villaça e Fred Góes (1998), a *body modification* explora as possibilidades e limitações de sensações que através de recursos tecnológicos proporcionam, supostamente, a autonomia na modelagem dos próprios corpos e de construções de identidades. Esse Hibridismo confunde e camufla valores estéticos e culturais, pois as modificações corporais problematizam as fronteiras entre os conceitos de natureza e cultura.

Era de se esperar que tais comportamentos proporcionassem relativos choques de paradigmas, quiçá, rupturas, frente a padrões estéticos e morais impostas por uma mídia que sacraliza o corpo em favor dos interesses da sociedade de consumo, da beleza e do eu narcísico, isso sem falar na quebra de paradigmas do ideal de homem, principalmente tratando-se do brasileiro: o branco, cristão e integrante da classe média, muito embora os adeptos da *body modification* também possuam essa origem, já que para sujeitar-se a algumas intervenções é necessário ter dinheiro, mesmo porque os procedimentos ainda são caros e os materiais também.

Dessa forma, faz-se necessário discutirmos e problematizarmos como esses grupos estão sendo pensados, visitados e revisitados no campo teórico das Ciências Humanas. Quais os diferentes olhares lançados sobre esse grupo? Meu foco será o *sensível*, ele que é o responsável pela nossa percepção de mundo, o sensível do Homem, daquele que projeta e é projetado pela sua concepção de mundo e que tem tudo a ver com o *sensível*. Indubitavelmente, é através do sensível que o mundo nos chega e é nessa lógica que o *percebemos*. Perceber o mundo significa dar sentido a ele através do que simplesmente, *se sente*. É de uma teia de *sensações* que tiramos nossa visão de mundo, o mundo nesse sentido, é a minha representação a partir da leitura das *percepções sensoriais*.

Mergulhar nas sensibilidades, no mundo cognitivo, é querer ter uma noção mais aprofundada sobre o emocional, a objetividade, valores, entre outras coisas que fogem da alçada dos princípios racionais. Assim como afirma Marilena Chauí:

Sensação é um ato. Pensamento também é um ato. A sensação é o ato dos sentidos; o pensamento, o ato do intelecto. A sensibilidade só existe atualizada na sensação; o intelecto só existe enquanto a sensação é o ato de sentir. O intelecto é a potência para ter pensamento e só existe enquanto o pensamento é o ato de pensar. Os humanos são, portanto, potencialmente dotados de sensibilidade e intelectualidade⁴.

Partindo desse pressuposto e da concepção aristotélica da relação entre sensibilidade e imaginário, da qual Chauí se apropria, dizer que o intelecto é atualizado pela sensação é o mesmo que dizer que a *razão* é atualizada pela sensação. Dizer que irei lançar um olhar às sensações dos adeptos da *body modification* é o mesmo que tentar me aproximar das expressões, impressões e, literalmente, das marcas deixadas pela vida (e na pele). Praticamente traçar um olhar de uma época calcada na fluidez contemporânea, o que tentaremos aqui, é localizar subjetividades, experiências íntimas, que são marcas de historicidade. E, sobretudo, localizá-los e situá-los no tempo e no espaço. A questão principal é: O que significa ser um modificado nesta última década, já que o acesso a tais modificações mudaram, a tecnologia permite outras técnicas e práticas, a comunicação e seus meios hoje permitem romper as fronteiras quando o assunto é interconectar e dialogar.

⁴ CHAUI, Marilena. **Introdução à História da filosofia**. Vol. I. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p.421.

O desenvolvimento deste trabalho constitui-se em três momentos e será desenvolvido através dos paralelos comparatistas dos autores.

O primeiro capítulo tem como objetivo tentar organizar as diferentes concepções de *body modification* de diversos autores, em suma, uma explanação sobre o modo como os autores andam refletindo a respeito do termo e as práticas. A maioria dos trabalhos referentes ao tema é de outras áreas das Ciências Humanas, contarei também com o apoio das redes sociais da internet, já que hoje esses grupos se organizam primordialmente na *internet*, inclusive em páginas de associações no *Facebook*, por exemplo.

A intenção é sempre manter interlocução com as pessoas que são adeptas da prática, seja aqui em Uberlândia-MG, seja nas cidades do estado de São Paulo, onde quer que estejam, já que a internet, enquanto ferramenta, me proporciona tais aproximações. Para contextualizar historicamente, irei usufruir de materiais da indústria cultural como revistas especializadas no tema, sejam elas impressas ou virtuais, pois muitas são acessíveis na internet, como a revista BME que é considerada uma as maiores revistas virtuais voltadas ao tema, a página virtual brasileira <http://frrrkguys.com.br>, que é voltada para a *body modification* e cujo responsável, inclusive, também é historiador e autor da monografia "A Modificação Corporal no Brasil - 1980-1990", da qual também beberei enquanto fonte para organizar esse capítulo. Utilizarei ainda outros veículos midiáticos que de uns tempos para cá vêm ganhando espaço na *internet*, o que facilita mais a pesquisa quando o assunto são as fontes.

Apesar de poucos trabalhos acadêmicos voltados ao tema, também utilizarei de artigos e capítulos voltados à *body modification* e reflexões a respeito do tema como, por exemplo, o artigo científico publicado no IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, de 28 a 30 de maio de 2008, da Faculdade de Comunicação/UFBa, de Salvador-Bahia-Brasil, e intitulado "Corporalidades no urbano contemporâneo: A *body modification* e os *modern primitives*"⁵. Temos também trabalhos de teor antropológico, como a dissertação de mestrado apresentada na Unicamp em 2006, pelo autor Camilo Albuquerque de Braz, intitulada *Além da pele:*

⁵ DOSSIN, F. R.; RAMOS. Bacharel em Artes Plásticas e mestranda em Artes Visuais pelo PPGAV do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Participa desde 2005 do grupo de pesquisa 'Poéticas do Urbano' coordenado pela professora Dr^a. Célia Maria Antonacci Ramos. E-mail: dorodossin@yahoo.com.br. Professora do Departamento de Artes Plásticas e do PPGAV do CEART/UDESC. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Coordenadora do projeto de pesquisa 'Poéticas do Urbano' <http://pages.udesc.br/~poeticasdourbano/> E-mail: c2cmar@udesc.br.

um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo, entre outros trabalhos que citarei e dos quais beberei na fonte, e que apareceram aqui só a título de exemplificação.

Como esse trabalho não é apenas um trabalho sobre a história da *body modification*, mas também sobre o caráter sensível, estranho e bizarro das modificações corporais, no segundo capítulo trataremos sobre o “sensível”, “diferente”, e, sobretudo sobre as variações técnicas e de modalidades da *body modification*. Para isso, contarei com bibliografia de apoio, inclusive partindo do conceito de estranho e estranheza, da teoria freudiana. Aqui não separarei necessariamente a noção de *estranho* da de *bizarro*, já que são bem próximas. Será neste capítulo que também tentaremos nos aproximar de determinados conceitos fundamentais para o desenvolvimento deste, já que Freud, conhecido como o autor das diferenças, parte do diferente para pontuar as noções de narcisismo, identificação, relação entre interno e externo, relação eu/outro e o estranho.

E, levando-se em consideração os valores vitais da utopia moderna da homogeneização, na qual um Estado-Nação seria responsável pela união de vários numa célula étnica, onde se cantaria o mesmo hino, se falaria a mesma língua e se cultuaria os mesmos ídolos. O que seria essa singela forma de “bizarrice” frente a este contexto? Há algo, necessariamente, moderno nisto? Outras fontes importantes para desenvolver esse projeto serão os contatos com os próprios praticantes de modificações corporais e os discursos que sustentam tais ideologias. Aqui tentaremos registrar como anda a sensibilidade e a visão de mundo dos praticantes das modificações corporais pelo menos no último decênio (2000 a 2010/13).

No terceiro e último capítulo, lançaremos um olhar sobre a complexidade das sociedades compreendidas como pós-moderna/hipermoderna/contemporâneas e que geraram novas formas de agrupamentos e socializações. A questão das tribos urbanas, compreendidas como um sintoma da contemporaneidade será um tópico pontuado dentro da construção da identidade e a formação do Eu. Doravante, nesse processo, lançaremos um olhar sobre o processo da formação do Eu e sua dissolução, no mundo global atual, até a chegada da *body modification*, compreendida como um sintoma quase que performático dessa contemporaneidade.

Diante de todos esses aspectos elencados e, tenho certeza, que muitas outras inquietações e dúvidas surgirão ao longo desse trabalho, tentaremos, de maneira bem singela, já que uma monografia não seria o suficiente para sanar minhas curiosidades e inquietações, traçar um panorama sobre essa sociedade complexa. Compreendendo a

formação da identidade como algo construído em longo prazo e não como algo inerente e estático, faço uso das palavras de Stuart Hall, “A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos pelos outros” (HALL, 2006. p 38).

Frente às essas inquietações cabe a nós perguntar: as tribos urbanas, sobretudo os modificados são vistos como grupos que tentam se esquivar de valores e comportamentos tradicionais, mas todas essas metamorfoses híbridas, com cores, dores, ganchos, silicone, amputações, queimaduras, cicatrizes, alargamentos, entre outras, é uma forma de fugir perante o princípio excludente da identidade? Será? Esconde ou define uma identificação? Diante das variadas máscaras modernas, tal grupo talvez tente sobreviver a todo custo e dores, a uma trincheira de egos e a um desamparo gerado pela contemporaneidade. Cabe a nós, teóricos das Ciências Humanas, pensarmos a respeito desses sujeitos históricos hipermodernos inseridos numa transformação radical da constituição de indivíduo, oriundos de uma mudança real da estruturação das constituições de subjetividades, tendo como palco e plano de fundo as sociedades pós-moderna, e contemporânea.

Capítulo I - Singela História da *body modification* e suas polissemias.

1.1 - Body art e body modification. Breves considerações: o corpo que sente.

Em meio a multidões de pessoas, andando nas cidades, nas universidades, nos bares, nos chamados guetos, onde quer que estejamos, observamos alguém com algum tipo de modificação corporal, seja das mais simples como um alargador de poucos milímetros nas orelhas, ou até as mais radicais como orelhas alargadas que chegam a ter mais de 45 milímetros de abertura. Observamos as mais variadas tatuagens, estilos, cores, tamanhos, técnicas, e observamos também que esses indivíduos, via de regra, compõem um grupo. Têm uma estética, um comportamento e sentimentos que são compartilhados. Estamos nos referindo aos adeptos da *body modification*. Mas, enfim, o que seria a *body modification*? Qual a história de seus adeptos? Do que se tratam essas modificações? Há bibliografia histórica referente ao tema? O que é ser um modificado nesse último decênio no qual observamos a maior proliferação dos adeptos de tais práticas, estúdios, páginas na internet e presença nas redes sociais, e visualizamos, inclusive, que eles estão se organizando em associações no *Facebook*?

Sublinho aqui que os adeptos da *body modification* são muitos. Muitos porque, desde épocas imemoráveis, mitológicas, o homem modifica seu corpo de alguma maneira. Os motivos são muitos, modifica-se para um ritual tribalístico de passagem de etapas da vida, perfura-se para agradar a deuses ou como forma de se aceitar e atingir uma idealização de beleza; também corta-se, colore-se, perfura-se para adentrar e pertencer a um grupo ou ser aceito numa comunidade. Os motivos são muitos e as modificações corporais vão ganhando status, técnicas, adaptações e releituras diversas com o passar do tempo.



Figura 1 – Foto de família, provavelmente da Etiópia, com modificações corporais tradicionais de sua tribo.



Figura 2 – Fotos de membros de tribos que usam alargadores de orelhas e lábios. No Brasil, as tribos Wauará, Caiapós e Botocudos fazem uso desses alargadores. Acredita-se que se consiga ouvir e falar melhor. Estes adornos são, geralmente, de madeira e bambus.



Figura 3 – Foto de outro membro de alguma tribo do sul da Etiópia repare nos lábios alargados sem a presença do disco alargador.

A *body modification* ou *body art* designa o corpo como suporte de arte, transformação e mutação. Não está claro para mim se ambas as expressões, “*body art*” e “*body modification*”, são dignas de separação, já que as visualizo como uma simbiose. Pois, ambos são processos de modificar algo no corpo, *modificar sugere dar uma nova forma a algo*, ou seja, recriar, artisticamente ou não, muito embora os *body mod’s*⁶ considerarem toda e qualquer forma de modificação corporal como uma arte.

Mediante algumas de minhas leituras, percebo que alguns estudiosos do tema gostam de fazer uma separação que poderia ser considerada leviana, até. Na medida em que tomam essas expressões como movimentos distintos, mas que se cruzam, levando inclusive a conclusão de que a *body art* veio primeiro, enquanto expressão de um movimento artístico emergente dos anos de 1960, tendo como expoente embriológico Pollock, que apresentava suas telas/painéis, majoritariamente grandes como uma junção de sua expressividade corporal e a pintura. A técnica utilizada pelo artista com seu expressionismo abstrato contava com o ajuste de seu corpo, quase/se não, uma *performance*⁷. Nas palavras de Camilo Albuquerque de Braz⁸:

⁶ Expressão que designa o adepto da modificação corporal.

⁷ Segundo estudiosos do tema, o termo *performance* pode significar tudo e qualquer desenvoltura/comportamento humano perante diversas atividades, seja no trabalho, seja para executar alguma atividade doméstica, seja nas artes, no sexo, em suma, tudo que é considerado desenvoltura humana. O termo aqui em questão é no âmbito artístico, logo, *performance* artística significa em termos gerais a arte sem fronteiras, multidisciplinar, até mesmo híbrida. Híbrida porque conta com o apoio do teatro, as artes visuais, a música, a dança, o cinema, e demais contribuições artísticas. Geralmente, são produções artísticas consideradas como “experimento radical”. O estudioso do tema e performista

As experiências do chamado “expressionismo abstrato” de Pollock (1912-1956), com sua *action painting*, quando as telas eram executadas diante de uma plateia, fazem das artes visuais – como já o eram as artes cênicas – um evento.



Figura 4 – Foto de Jackson Pollock em atuação envolvente e performática com suas obras, essa fotografia foi tirada entre 1940 e 1950.

Segundo Braz (2006, p.22 apud Pires, 2001, p. 74) é do contexto do movimento contracultural, do final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960, que

Richard Schechner, em sua obra intitulada “*O que é performance?*” acrescenta ainda algumas atribuições a essa forma de arte. Para ele a *performance*, além de tudo, tem a função de entreter, fazer alguma coisa que é bela, marcar e/ou mudar a identidade, fazer ou estimular uma comunidade, curar, ensinar, persuadir ou convencer, lidar com o sagrado e também com o demoníaco. Em suma, tudo pode ser analisado como *performance* se conter a tríade ação, comportamento e exibição. (SCHCHNER, 2003).

⁸ Braz, Camilo Albuquerque de. *Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre. IFCH – UNICAMP. Campinas. 2006.

emergem as noções de *body art*, o artista rompe com os paradigmas artísticos de uma época vanguardista e dispõe o próprio corpo como elemento compositor da arte. O artista se coloca como obra viva, o corpo também é instrumento, proporcionando ligação entre artista e público e a relação tempo/espaço. As relações infinitas e as descobertas de um corpo político germinam.

A *body art* permite ao artista romper com a ideia do corpo apenas em representação, mas atribui importância ao corpo como componente da obra. Há artistas que se despem, outros mergulham e se lambuzam em tintas, alguns jogam seus corpos ao encontro de cacos de vidros, tem também os que gostam de perambular pelo meio do público deixando-se ser apalpadados e bolinados sem quaisquer restrições. Encontramos também medidas mais radicais como cortar-se em público, flagelar-se, beber sangue etc.

Analisando a *body art*, além de Pollock, Marcel Duchamp é tido também como precursor do movimento. Segundo Santos (2008)⁹, esse artista se travestia de mulher e deixava-se fotografar como tal desde aproximadamente 1920.



Figura 5 - Foto de Marcel Duchamp, travestido como Belle Haleine em 1921.

⁹ SANTOS, José Mario Peixoto. Breve Histórico da “*performance art*” no Brasil e no mundo. In: Revista Ohun, ano 4, n. 4, p. 1-32. Dez. 2008.

Arrisco a dizer que a *body art*, assim como a *performance*, teve sua origem nestes movimentos artísticos chamados *ready-made* que tornou-se um paradigma artístico, a partir do momento que Duchamp se apropriava de elementos e objetos considerados de uso cotidianos e os intitulava como arte, expondo-os em um espaço voltado a este fim, ou seja, rompia com os paradigmas eurocentrista e vanguardista de arte. Sua principal obra foi um mictório comum de banheiro assinado por ele e exposto como um objeto de arte. Não temos exemplos apenas no campo das artes plásticas, mas também temos John Cage, na música, com seu experimentalismo minimalista inédito, com ruídos, sons do corpo, barulhos da voz e até mesmo o silêncio como elementos musicais. Ainda como Santos, citado acima:¹⁰,

Esses criadores, naquele momento histórico, comungavam de uma mesma identificação artística e de propósitos de vida em comum. Ali a arte pulsava, surgia em cada esquina, transpirava em cada poro do corpo individual ou dos corpos que viviam em comunidades para produzir arte ou manifestos contra as guerras que os Estados Unidos da América insistiam em propagar, como a Guerra do Vietnã. Lutavam, também, contra o sistema capitalista e outras formas de dominação. No seio dessa sociedade em conflito, questões de gênero, etnia e classe foram levadas para o âmbito das artes e discutidas sobre a superfície da tela, nos volumes da escultura, na música do cotidiano e nos corpos daqueles que ansiavam por mais liberdade de expressão, mais expansão e alternativas frente ao poder hegemônico vigente, caracteristicamente, heterofalocêntrico.

¹⁰ Ibidem, p.7



Figura 6 – Foto da latrina, intitulada como “A fonte” em 1917.

Talvez, a diferença trivial entre a *body art* e a *body modification* esteja no que as autoras Francielly Rocha Dossin e Célia Maria Antonacci Ramos¹¹ apropriam da autora Beatriz Ferreira Pires:

(...) a principal diferença entre a *body art* e a *body modification* é que na primeira, o principal objetivo era desfeticizar o corpo humano, abandonando uma exaltação à beleza, que esteve presente em toda história da arte. Por isso, o orgânico e o visceral. O objetivo era mostrá-lo como instrumento do homem. Já na *body modification* cria-se uma relação do artista com o corpo totalmente diferente das estabelecidas pela *body art* e pela *performance*. Na *body modification*, o fetiche e a exploração sensorial marcam incontestável presença no cotidiano. (PIRES, 2005).

A partir dos anos de 1980, sobretudo nos anos de 1990, observamos o aumento dos adeptos daqueles que usam seu corpo para carregar traços característicos de uma identidade e de uma psicologia, doravante isso, com aumento da presença do corpo em evidência, é possível, inclusive, debruçarmos sobre um mapeamento dos campos

¹¹ DOSSIN, F. R.; RAMOS, Celia M. Antonacci *apud* PIRES, Beatriz Ferreira. Corporalidades no urbano contemporâneo: a *body modification* e os *modern primitives*. In: IV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em cultura. UFBA/Faculdade de comunicação. Salvador. 2008.

sensoriais do corpo, ou seja, sobre uma investigação do sensível corporal e suas relações com a conjuntura juvenil contemporânea.

O que podemos concluir segundo as palavras do autor Francisco Ortega (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, org.) é que o corpo, na contemporaneidade, assumiu o lugar privilegiado, o corpo neste momento é onde se dialoga socialmente e a *body art* e principalmente a *body modification* emergem para imprimir, talvez, sentido a essa afirmação. Segundo Ortega, o demasiado interesse pelo corpo pode acabar gerando o desinteresse pelo mundo e afirma que já que não podemos (?) mudar o mundo, tentamos de todas as maneiras mudarmos o corpo, nada mais propício, pois, a modernidade trouxe para o cerne de suas inquietações o exacerbado individualismo condecorado de narcisismo.

Entretanto, o corpo aqui relatado não é aquele que desfila nas cidades com cabelos aparados, pelos retirados, unhas cortadas e esmaltadas ou nariz fino devido a intervenções dos processos de cirurgias plásticas. O corpo aqui mencionado e analisado é o corpo que causa estranheza. Os adeptos da *body modification* só se sentem completos em sua plenitude quando realizam tais modificações sem seus corpos, a maioria possui um significado histórico para o adepto, o corpo para eles carrega o que *sentem*, suas lembranças, e isso precisa ser visível; estar à mostra. O corpo nestas ocasiões conta a história do indivíduo e, porque não, de seus sentimentos.

Em uma entrevista cedida para a socióloga Claudia Machado, no seminário “Imaginarios e itinerarios del cuerpo” na Universidade de Buenos Aires em 2009, o sociólogo e antropólogo David Le Breton, quando questionado por Claudia sobre o uso e apropriação do corpo pelos adeptos da modificação corporal, afirmou que há três níveis deste uso¹²,

¹²David Le Breton é professor de Sociologia e Antropologia da Universidade de Strasbourg na França. Seu trabalho tem influenciado de maneira significativa os estudos sobre o corpo e a corporeidade. É autor de uma série de obras publicadas na França e traduzidas para várias línguas em todo o mundo. Livros como *A sociologia do corpo*, *Adeus ao corpo* e *As paixões ordinárias* estão entre os títulos traduzidos no Brasil. Nos estudos sobre Moda, Arte e Cultura, o trabalho de Le Breton se insere trazendo ao longo de toda a sua produção uma multiplicidade de temáticas que servem de aporte teórico para se pensar o corpo na atualidade. Em alguns de seus trabalhos mais recentes, como *Signes d'identité- tatouages, piercings e autres marques corporalles* (2002), o autor debate a *body art* num contexto em que as identidades culturais estão cada vez mais fluídas, onde o corpo torna-se uma espécie de acessório, expressão dos desejos dos indivíduos. Ao mesmo tempo em que os corpos tatuados, perfurados e marcados são tratados como objetos da arte, também se inserem no campo das construções de si. Ao tratar o corpo como emblema do *self*, o autor amplia os olhares sobre o corpo objeto da arte, inclusive no debate das subjetividades expressas na carne. Desta forma, o autor constrói algumas de suas acepções sobre os usos das marcas corporais na contemporaneidade. Em sua breve estada em Buenos Aires para o seminário Imaginarios e itinerarios del cuerpo, na Universidade de Buenos Aires e para uma série de conferências na cidade, o autor concedeu esta breve entrevista na qual aborda questões relativas ao seu trabalho sobre a

As marcas corporais por muito tempo foram sinais de dissidência e de rebeldia. Durante os anos 70 e 80 se modifica a cultura de massa, neste momento é que muitos jovens adotam a cultura do piercing e da tatuagem. A história da tatuagem é a transformação de uma forma de ética, numa forma de estética. As marcas corporais que foram sinais morais de rejeição ao mundo, passam a uma integração completa e finalmente a uma forma de elogio ao mundo. É verdade que existem outros caminhos que correm em 3 vias: A primeira via seria a do mainstream, das marcas corporais usadas pelos jovens como forma de embelezamento; A segunda seria a dos modernos primitivos onde há uma busca de espiritualidade, de transformação não somente do corpo, mas de seu interior. Uma busca por ritos de passagem, assim como por outras formas de religiosidade que nada tem haver com as igrejas ou com as instituições. É uma forma de elaborar um sagrado pessoal. A terceira via pode ser o body hacktivism de Lukas Zpira, que é bem interessante e complicada. Ela está no campo da espiritualidade e da tecnologização do corpo, o que pode parecer uma contradição. O corpo para Lukas é claramente obsoleto. Ele sonha em livrar-se de seu corpo. O seu body hacktivism é uma forma de antecipar a fusão da carne com a máquina. Creio que há uma espiritualidade nisso, mas também é um jogo de personagem que faz da sua vida uma forma de apresentação permanente. É como se tudo fosse uma peça de teatro e a sua vida um grande palco. (BRETON, 2009).

Por essas razões que, no começo deste capítulo, afirmei que os adeptos das modificações corporais são muitos e que os usos do corpo, as sensações e os fins podem ser diferentes ou não, se igualando em algumas ocasiões.

Eu poderia esmiuçar o papel do corpo nas Ciências Humanas, suas representações, suas leituras, mas, será de comum acordo entendido aqui que o corpo físico não se separa do mental, logo ele carrega toda uma carga de lembranças, sentimentos, história e está sempre se articulando com a cultura. Assim como a cultura é uma construção histórica, o corpo também o é. O corpo entra em cena, principalmente, a partir do século XX, ele passa a ser idealizado e imbricado com as novas tecnologias. Aqui não se pretende fazer uma longa discussão sobre o corpo e seus desdobramentos conceituais ao longo da história. O corpo aqui analisado é o corpo do sujeito hipermoderno e hipersensível. Segundo Lastória (2004), observa-se hoje uma atenção exacerbada em direção ao corpo, porém, dois aspectos, que são aparentemente paradoxais, destacam-se.

body art, promovendo, desta forma, um diálogo entre suas publicações sobre o tema e suas escolhas pessoais para tratar o objeto de pesquisa. Fonte: preferi não alterar essa apresentação que está disponível na página da web <http://www.frrrkguys.com.br/a-cientista-social-claudia-machado-entrevista-david-lebreton/>. Página especializada em *body art* e *body modification* do Brasil, de modo que estou com o apoio do administrador da página e também Historiador e pesquisador do tema. Em termos historiográficos no Brasil, creio que sejamos um dos poucos pesquisadores do tema. A Entrevista foi concedida em 19 de abril de 2009, em Buenos Aires. Entrevista publicada originalmente na revista Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte” Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo – V.2 No.2 out./dez. 2009 – Entrevista.

O primeiro, como já foi dito anteriormente nesta pesquisa, o corpo aparece de forma idealizado e modificado conforme padrões pré-estabelecidos de saúde e beleza. Coloca-se em evidência a juventude, peso e medidas corporais consideradas ideais, é o que o autor denomina de *health life*¹³. Numa sociedade em que a *aparência* é o que determina o estado do indivíduo e também a relação que ele tem com a sociedade e consigo mesmo, a *aparência* de saúde – mesmo que sustentada por um transtorno alimentar, por bisturis, horas e horas de academia levantando pesos, por meio de desgastes físicos, pela “medicina do esporte” com anabolizantes, esteroides etc. – é que vai determinar para o mundo exterior a condição de saúde e todos esses meios, mais ou menos árduos, acabam sendo justificados (RODRIGUES; CANIATO, 2009). Ainda segundo Lastória,

Tem-se aí uma imensa gama de novos ritos envolvendo uma incrível disciplina corporal ascética mediante a combinação de inúmeras receitas dietéticas precisas com exercícios físicos localizados, aeróbicos *high* e *low impact*, alongamentos e outras práticas corporais que se estendem das academias de ginástica aos centros cirúrgicos, passando pelas clínicas de estética. (LASTÓRIA, 2004).

A *body modification* seria então o outro lado, considerado uma contra resposta, das experiências corporais. Contra resposta esta que é produzida sempre nos guetos citadinos *undergrounds*. Assim como afirma Lastória, a *body modification* tenta “(...) sobreviver gravitando em torno da indústria cultural até sua completa absorção estandardizada. Em ambos os casos, a questão psicológica da identidade do indivíduo contemporâneo, bem como os critérios de sociabilidade grupal, vinculam-se às alterações voluntárias, mais ou menos radicais, promovidas no próprio corpo”. (Lastória, 2004, p.2).

A pergunta aqui é como a *body modification* começou? Qual o contexto? Ela vem para negar um corpo mercantilizado e idealizado por uma indústria cultural e midiática calcada no ideal de corpo perfeito, magro, definido? A *body modification* pode ser considerada, assim como afirmam alguns autores, como uma válvula de escape para os fracassos das ideologias modernas de família, ascensão social, cristã e sucesso? Pode ser vista também como um meio para se chegar a esse fim?

Os anos de 1950 e 1960 não só foram décadas embrionárias da *body art*, mas também foram o ponto de partida para compreendermos todo o movimento histórico e

¹³ Do inglês “vida sadia”.

social que deram origem à *body modification*, será neste período que encontraremos a origem da cultura denominada de gueto, do *underground*, do fenômeno denominado de tribos urbanas e que desencadeia a ocorrência da cultura da modificação corporal.

1.2 - *Body modification*: entre técnicas e mutações/metamorfozes/ transformações. Singela explanação.

O que é então a *body modification*? Salientamos que as *body modification's* e seus adeptos são muitos. Por quê? Tudo vai depender de como a modificação corporal é utilizada e seu propósito, logo as modificações corporais têm finalidades diferentes e, me arrisco a dizer, as *sensações* também podem ser diferentes. Antes de chegarmos ao que interessa, será necessário compreendermos, ainda que superficialmente, que tais modificações têm sua origem numa época primitiva. Digo “superficialmente”, pois, para nos debruçarmos sobre a história das modificações primitivas seria necessário um rigor antropológico e um tempo que este modesto trabalho não comportaria.

As modificações corporais sempre estiveram presentes na história da humanidade, mas os significados atribuídos às modificações é que sofrem mudanças durante o decorrer do tempo. Neste trabalho, o foco é sobre um (re)surgimento das modificações corporais nos contextos juvenis na contemporaneidade.

Modifica-se por identidade tribal, de clã, por algum ritual de passagem, e com o passar do tempo tais modificações corporais foram sofrendo desdobramentos e releituras. Não caberá aqui uma explanação mais detalhada sobre essas modificações primitivas, pois nosso foco é a releitura dessas modificações no urbano contemporâneo e, principalmente, as realizadas por grupos juvenis. Destarte, a partir da década de 1950/60, a década germinal das chamadas *tribos urbanas*, o fenômeno das modificações corporais também deposita sua sementinha para germinar. São nos guetos *undergrounds* contemporâneos que observamos o início do uso das conhecidas tatuagens que, com certeza, configurou-se como sendo o pontapé inicial para a disseminação desse estilo.

A *body modification* pode ser listada como inúmeras atividades que modificam de alguma forma o corpo, visivelmente e do lado externo. Segundo o antropólogo Featherstone¹⁴, o termo *body modification* divide-se em dois conceitos compostos por

¹⁴ FEATHERSTONE, 199, p. 01 *apud* BRAZ, 2007, p.25

uma extensa lista de práticas que vão dos *piercings*, tatuagens e até mesmo ao ato de jejuar e fazer musculação. A intenção do autor é delimitar uma fronteira entre o que é modificação através de cortes, inserções e implantes e aquelas com as quais a superfície do corpo não sente, literalmente na pele, a mudança, ou seja, quando ela não é rasgada e nem perfurada para alterar a estrutura/aparência/ forma do corpo. A título de exemplo, os regimes alimentares para emagrecimento ou para aquisição de massa muscular, exercícios físicos, jejuns etc.

Creio ser difícil separar o joio do trigo, ou o que é corte cirúrgico estético, o que é *extreme body modification*, quais as diferenças nos procedimentos etc. Creio que sejam levianas as separações, pois será o contexto e a intenção, na verdade, que serão os fatores determinantes. Pesquisando, dias e dias a fio, encontrei um site sobre *body modification* e tudo o que, supostamente, possa estar relacionado ao assunto e deparei com uma experiência importante. A responsável por essa experiência que tive foi a artista francesa Orlan (conhecida apenas por esse nome, mas, ela chama-se Mireille Suzanne Francette Porte, nascida em Saint-Étienne, 1947), mais conhecida por suas performances que flertam com cirurgias plásticas, *pop art*, *body art* e *body modification*. Ela, na verdade, rompe com limites e faz uma miscelânea dessas modalidades. Orlan ficou famosa por ter chocado o mundo, nos anos de 1990, com o que se pode chamar de “*extreme makeover*”¹⁵. Essa *performance* consistiu em nove cirurgias plásticas que Orlan fez em seu rosto, as quais ela transmitiu, via satélite, para inúmeros lugares, dentre os quais estavam algumas galerias de arte da Europa. Esse processo visou a transformação completa de seu rosto com implantes no queixo, bochechas, ao redor dos olhos e ainda implantes de chifres na testa. Sim, podemos afirmar que esses são os mesmos chifres que vemos nos adeptos da *body modification*.

Havia um detalhe nessas *performances*: apesar da anestesia, ela sempre esteve consciente e tentava interagir, lia textos, fazia desenhos com o dedo e seu sangue, colocava frutas, legumes, tridentes e demais objetos em cena, durante o procedimento. Não satisfeita, além de tornar esses procedimentos públicos, ela também preparou uma exposição sugestivamente intitulada “corpo colocado em quarentena”, que apresentava quarenta fotos dela com o rosto em processo de descanso e no repouso necessário após algum dos procedimentos cirúrgicos/sofridos, pelos quais seu corpo havia passado.

¹⁵ Na tradução “Mudança Radical”.

Ela é conhecida por outras *performances* exóticas também, mas, sua opinião sobre tudo isso é bem emblemática e resume de modo interessante esta discussão, em sua vinda para o Brasil em 2008, e durante muitas das entrevistas que concedeu aqui, artista enfatiza o que pensa sobre si mesma e suas modificações:

Não estou nem ai com as imagens que produzi de mim mesma, porque não fui eu que escolhi o ponto de partida. Não escolhi meu nome, nem a cor da minha pele. Nós somos cidadãos do mundo, receptores de estímulos que vem dos lugares mais diferentes, da televisão, da internet. Não quero fazer cirurgia todos os dias, prefiro beber champanhe com meus os amigos. Mas seria divertido se pudesse mudar meu rosto diariamente.



Figura 7–Foto da artista francesa, Orlan.



Figura 8 – Foto que mostra o rosto de Orlan, em autorretrato da exposição “Corpo colocado em quarentena”.

Voltando a discussão quanto às diferenciações da modificação corporal e seus conceitos teóricos, Lastória, não se posiciona de modo muito diferente de Featherstone, para ela, a *body modification*, de maneira bem genérica, seria como a “(...) apropriação cidadina de práticas culturais consideradas exóticas ao nosso olhar, e que são ressignificadas de adversas maneiras chegando, em muitos casos, às raias do grotesco”, (LASTORIA, 2004, p.02).

Por outro lado, temos a visão das psicólogas Rodrigues e Caniato (2009), um pouco mais ferrenhas nesse sentido, elas definem a *body modification* como o ato de curtir e cultivar a dor e exaustão corpórea, de extravasar limites e os contornos do corpo. A dor para elas assume o papel fundamental nesse processo, entrando inclusive, como precondição para enfrentar o processo de modificação. Os profissionais do ramo da *body modification/body art* não são médicos, logo, não possuem autorização para administrar anestesia. A dor para esses indivíduos é imposição – e, posso afirmar aqui que esse seja mesmo o caso, já que não há como se fugir à dor. Pelo que podemos observar, na opinião das psicólogas, a modificação corporal até pode ser tolerável, caso seja tradição, como, por exemplo, no caso das mulheres orientais que enfaixavam os pés para tê-los pequenos para sempre, ou das tribos primitivas que se marcavam em alguns rituais de passagem, mas, a dor que deixa ambas as autoras exasperadas é aquele tipo de

dor voluntária, como no caso da *body modification* ocidental, do gueto, *underground*.

Assim, elas afirmam:

Ao marcar/transformar a “superfície” corporal, os praticantes contemporâneos buscam exibir uma marca de significado individual e supostamente diferenciada, o que de fato inexistia no homem da "pseudo-individualização" atual. Esta ausência do simbólico da marca corporal nas sociedades ocidentais (presas ao consumo) se contrapõe às práticas orientais que deram origem às ocidentais. Na África, por exemplo, as marcas corporais são carregadas de significados e simbolismos individuais e, principalmente, comunitários.

Se estivermos falando de dor, estamos falando também de sensação. A dor hoje, aquela que aponta algo de anormal no nosso corpo, a dor biológica pode ser controlada e medicada. A dor da existência também; da angústia; tudo pode ser controlado pelos psicofarmacos, analgésicos etc. Estamos acostumados a suportar e (des)controlar as dores. Para as psicólogas, que veem as práticas de modificação corporal contemporâneas como sendo vazias de significados, também se deve sublinhar preocupações importantes como: a angústia. Ela também é uma forma de dor, de dor da alma, serve como elemento protetor e de autoconservação, segundo os princípios freudianos. Entretanto, não damos conta de controlá-la deixando-a chegar a níveis patológicos e também, em certos casos, não conseguimos direcioná-la para o bem e para o autoengrandecimento.

A preocupação maior das duas autoras é no que isto causa: se negamos essas dores, inerentes à existência humana, primitiva, necessárias à autoconservação, não conseguimos lidar efetivamente com diferentes perigos a nós impostos pela sociedade. Não conseguimos, supostamente percebê-los e senti-los. Ou seja, há uma regressão, sobretudo, sensorial do homem contemporâneo. Segundo estas autoras, quando o indivíduo se nega a dor, oprime-a, e quando há exteriorização desta dor/aflição, ela chega aos seus limites máximos, como no caso da *body modification*, no qual se curte/exalta a dor, a exaustão corpórea e se extravasam limites. “É preciso se sentir ferir a carne para poder se sentir vivo”, diz a maioria das pessoas com as quais me relacionei durante a pesquisa e outras pessoas que também forneceram entrevistas para outros entusiastas e pesquisadores do tema.

Segundo Lastória (2004), não somente isso, mas, verifica-se, na sociedade hipermoderna, uma avalanche de produtos *high-tech* que não só prometem, mas também

cumprem com sua função, de nos estimular a todo o momento, manipulando nossas percepções sensoriais com suas parafernalias. Segundo os princípios frankfurtianos¹⁶, do qual o autor empresta conceitos e paradigmas, essa regressão supracitada consiste na regressão das massas, que é a incapacidade de se poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos; de se tocar com as próprias mãos, ou seja, as experiências sensíveis estão prejudicadas. Seguindo a lógica dos dois filósofos que foram buscar no mito o protótipo do esclarecimento, Lastória propõe:

Se a nova forma de ofuscamento da experiência sensível e intelectual que culmina na regressão do espírito humano assume as cores do progresso tecnológico irrefreável, verificado numa sociedade supostamente esclarecida, então deveríamos buscar na própria gênese do esclarecimento também os motivos que impelem os indivíduos a essa busca por experiências de choque cada vez mais intensas. (LASTÓRIA, 2004).

Nesse momento, os discursos de Lastória e Rodrigues e Caniato se encontram. Lastória também reafirma que o recalque do medo *primevo* leva o indivíduo a querer gerar a *repetição* desse choque, procurando sensações intensas que o relembre de sua insuportável angústia de existir. Como estamos numa era em que jorram estímulos sensoriais a todo instante, nossas percepções sensoriais entram em estado anestésico, elas literalmente se esgotam, levando ao indivíduo a buscar formas mais extremas de sensações.

Segundo Abonizio e Fonseca (2010), a *body modification*, em alguns graus (creio que sejam em “alguns”, mesmo!), não causa mais choques ao observador, muito menos se ela estiver ligada à estética corporal, segundo o ideal de beleza e saúde, dentro desse padrão estabelecido, então tudo será possível e automaticamente aceitável. Entretanto, aos que sublinham para si formas mais exóticas de se fazer ver e, talvez, de sentir, causam estranhamento aos que estão observando de fora, muitas vezes despertando sentimentos de repulsa. Segundo estas estudiosas, os modificados não se sentem reduzidos a um grupo específico – afirmação com a qual eu concordo, em

¹⁶ Lastória vai buscar na obra de Theodor W. Adorno e de M. Horkheimer “Dialética do esclarecimento” o termo “regressão”. Segundo os autores, se trata de uma regressão advinda da abusiva dominação externa da natureza. A exacerbação da dominação externa implica na dominação interna, ou seja, regressão seria a consequência advinda desses processos de dominação da natureza pelo homem, o que não se separa da dominação da própria natureza humana que acaba culminando na pauperização crescente da experiência sensível e intelectual dos indivíduos imersos na “refinada aparelhagem social” (LASTÓRIA, 2004, *apud* ADORNO e Horkheimer, 1994).

partes. Assim como foi afirmado e verificado, as modificações corporais não são, realmente, exclusivas apenas de um grupo em questão, porém, mais adiante do texto, elas afirmam que os *body mod's* frequentam convenções de modificações corporais, frequentam grupos restritos em redes sociais etc. Então, podemos concluir que, se eles se organizam em associações virtuais, procuram se agrupar para comungar experiências, sentimentos etc., ao menos manifestam *vontade de comunhão*, o que já é uma pré-condição para se agruparem em eventos específicos. Podem não se sentir pertencentes a um grupo específico, mas esse grupo existe.

Ainda segundo estas autoras (*apud* Abonizio, 2010), os rituais de modificações corporais contemporâneas podem até se aproximar o máximo possível de um desejo primevo experimentado por uma coletividade tribal ritualística, mas, há um elemento chave que o diferencia: as modificações corporais contemporâneas remetem e se direcionam mais a uma biografia individual. Sobre os sentimentos impressos nesse ritual, as autoras dizem que também são individuais, mas que se cruzam e são compartilhados pelos pares em algum momento. Eles, assim como ocorre nos demais grupos, esses indivíduos sempre conseguem formas de se encontrarem e se reunirem para trocarem experiências. Diga-se de passagem, atualmente há um crescimento considerado de eventos voltados a esses públicos.

Sobre esses eventos não nos faltam exemplos. Não muito distante daqui, em Belo Horizonte- MG, acontece o Hurt Fest, o último evento desses de que tenho notícia aconteceu em 27/12/2012, e foi a segunda edição. Reuniram-se modificados, artistas, fãs de música etc. O festival foi regado com *rock n' roll*, suspensões corporais e performances. Segundo o administrador do site <http://www.frrkguys.com.br>, e também historiador, Thiago Ricardo Soares, conhecido no meio como T-Angel – inclusive já citado aqui nesta pesquisa – a diversidade do público que compareceu no festival foi incrível, estavam presentes desde pessoas que só queriam ouvir uma música e dar umas espiadas, até pessoas do movimento que estavam lá para suspenderem-se em ganchos, e ainda os curiosos e entusiastas. Esse evento foi organizado pelo conhecido Marcos Cabelo, figura emblemática das modificações corporais de Minas Gerais¹⁷.

Outra manifestação atual desses grupos e eventos que vêm para afirmar que eles estão, sim, se organizando em grupos para comungarem as suas experiências, é o

¹⁷ Para quem quiser conferir a resenha do evento no site e o vídeo da *performance*: <http://www.frrkguys.com.br/shows-suspensoes-e-performances-marcam-a-hurt-fest-2/>
Última visualização em 02/04/2013, às 08h29.

coletivo “Diabos Mutantes” – equipe de suspensão – de São Paulo. Eles têm páginas na rede social *Facebook*¹⁸ e são facilmente encontrados em sites de busca, este grupo, inclusive, tem até confeccionado camisetas estilizadas desse círculo de atividades. Eles viraram uma marca entre os adeptos das modificações corporais paulistanos, isso indica talvez, um viés para facilitar uma comunhão e reconhecimento.

Grupos e praticantes que desejam resgatar a “monotonia sensorial”? A extremidade ou não das mudanças irá depender em grande medida da visão de quem os observa. Uma pessoa com muitas tatuagens pode parecer uma pessoa estranha a uma pessoa A, enquanto que para uma pessoa B, que é praticante de suspensão corporal, por exemplo, essa pessoa tatuada não será considerada tão “extrema” assim. As percepções variam de lugar para lugar e de contexto para contexto. Para T-Angel, em entrevista concedida para Carla Ruiz Martin, em sua pesquisa *“Movimento de contestação ou agressão ao corpo? Uma discussão sobre a body modification e arte da performance na década de 90”*, o que pode ser entendido como extremo e não extremo depende do fato de tal procedimento de modificação precisar ou não de cuidados cirúrgicos. Nesse sentido, um *piercing* não entraria na categoria “extrema”, já que o furo é rápido e o procedimento também, ao contrário de um procedimento para o implante de chifres de *teflon* sobre a pele da testa, por exemplo, que já demanda cuidados cirúrgicos e é mais complexo. Os conceitos são muitos e as opiniões também.

¹⁸ Endereço do *Facebook* <http://www.facebook.com/diabosmutantes?fref=ts>.



Figura 9 – Foto de suspensão dupla, com Doug Diabos Mutantes e, logo abaixo, Nathalia Soares.



Figura 10 – Foto de Dark Freak e Chibbi Naira, *performance de freak show*, no evento *Hurt*

Fest II.



Figura 11 – Foto ainda do evento, mostrando os profissionais verificando os ganchos da moça suspensa - *Hurt Fest II*.

Segundo Ortega (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, org.) existem duas correntes paradigmáticas de estudo da *body modification*, e com as quais, já adianta, ele não partilha muitas concepções e opiniões. A primeira, visualiza a modificação corporal como um elemento constitutivo da sociedade de consumo, do espetáculo e que anda concomitante com a moda. Para esses autores, ornamentos como *piercings* e tatuagens não estão mais no rol da dissidência e subversão, estão, na verdade, caminhando lado a lado com as tendências da moda contemporânea – o que a meu ver, tem certo fundamento, pois, durante minha pesquisa encontrei muitos sites se referem aos denominados “modelos alternativos”.

Os modelos alternativos seriam os indivíduos tatuados e com algumas modificações corporais leves que fazem ensaios e fotos promocionais para ações de moda e publicidade em geral, há, inclusive, um aumento dessa tendência de realizar esse tipo de “ensaio fotográfico” nas redes sociais. Um exemplo disso é o sucesso que o grupo “Suicide Girls” faz na web e nas redes sociais, com suas modelos alternativas em

ensaios sensuais. E esse grupo agora também tem sua versão masculina, dispondo também de modelos tatuados, homens, para atender às necessidades do mercado e responder ao gosto de uma parte da população, principalmente a mais jovem, que se identifica com o visual alternativo e com algumas modificações corporais. Nesse ramo, obviamente, ainda não encontramos modelos com modificações extremas.



Figura 12 - Foto de modelo do grupo feminino Suicide Girl.



Figura 13 - Foto de modelo do grupo feminino Suicide Girl.



Figura 14 - Foto de modelo do grupo masculino Suicide Boys.



Figura 15 – Foto de modelo do grupo masculino Suicide Boy.

Porém, segundo Ortega, essa visão da *body modification* associada ao ecletismo da moda contemporânea empobrece a complexidade do tema. Ele afirma que essas manifestações tratam-se mais de uma “antimoda” em si do que um *trend* daquilo que ele chama de “supermercado de estilo”. A segunda visão sobre o tema, de que ele trata, é a patológica. Segundo a literatura do tema, a intenção dessa abordagem é nivelar as modificações corporais à automutilação. Segundo as palavras do autor, nestes casos:

As modificações corporais são identificadas com formas de automutilação, não apenas porque o corpo é apresentado como imperfeito, disfuncional ou doente, mas porque esse corpo é expressão de um *self* imperfeito, que sofre e está fora de controle, precisando, portanto, de tratamento. (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, org.).

Segundo ainda o autor, principalmente a mídia, se apropria desses discursos médicos da automutilação e os dissemina para a sociedade rotulando tais práticas, desse modo, como sendo resultado de dado problema social e/ou emocional, o que geralmente causa nos leitores e telespectadores, que recebem tais discursos, os sentimentos de medo, repugnância e horror. E tudo isso acaba por servir de embasamento para argumentações equivocadas e pautadas em valores morais que se referem aos indivíduos modificados como se eles fossem pessoas com comportamentos desviados.

Um caso recente, que ocorreu nesta primeira semana de abril de 2013, deixou-me estarecida. Não pelo caso em si – pois a televisão aberta brasileira ainda costuma

ser bastante conservadora – e, afinal, podemos esperar encontrar de tudo nas redes de televisão que ainda recorrem a expedientes como a manipulação de notícias e oferecem aos expectadores conteúdos de gosto bastante duvidoso. Mas, o caso a que me refiro chamou minha atenção mais pela repercussão que causou entre os leitores do site de notícia (que também é um veículo de informação famoso por conter matérias mal escritas e sensacionalistas, para um público específico) que publicou a matéria. A história ocorrida foi a seguinte: um casal brasileiro de modificados, conhecidos do meio, queria participar de um programa matinal de determinada emissora, onde a cantora Ana Carolina fez uma participação e o casal, sobretudo a moça, é muito fã de Ana Carolina, tendo inclusive uma tatuagem da cantora, na coxa. Porém, a equipe do programa e da emissora de TV barrou a participação deles, pois alegou que eles eram tatuados demais (ou será que essa justificativa tentava encobrir o medo que sentiram de que o casal pudesse roubar a cena no programa, eclipsando, inclusive, a participação da cantora?).

O que considero sendo mais grave nesse caso, não é nem o fato em si, como já mencionei, devido ao nível da programação da televisão brasileira, mas sim, os comentários dos leitores do site a respeito do casal e do acontecido. Os comentários vêm comprovar o diagnóstico bivalente das modificações corporais de guetos: a ambivalência entre horror e fascinação, como exemplificam nas falas dos que se manifestaram sobre a não participação do casal no tal programa de televisão:

Prestem atenção: As pessoas que gostam de tatuagens pelo corpo, acham que podem ir a qualquer lugar. Não pode não. veja , se você tem uma tatuagem discreta que talvez nem apareça, tudo bem. Agora , ficar tatuado como se fosse um muro pichado e querer entrar em qualquer lugar... aí fica difícil. Por exemplo: Será que uma pessoa tatuada desta maneira seria recrutada para um emprego concorrendo nas mesmas condições com uma outra não tatuada??? Eu acredito que não. É lógico que quando a Globo for fazer uma matéria sobre ' Tatuados', certamente vai levar estes dois.. basta à eles dizer ' Não.' (sic.)

Continuem se alegrando, porque eu também barraria, na minha casa nao entrava tampouco. (sic.)

Podem me chamar do que quiserem, mas jamais contrataria um deles para trabalhar aqui o escritorio. (sic)

Esses daí foram barrados por feiura seguida de mal gosto nas tatuagens. Eu também ia preferir não ficar olhando para duas caras feias assim, só esse alargador na orelha já me dá asco.. Sai pra lá! (sic)

Esse povo que faz nojeira no corpo não tem que ficar poluindo nossa visão mesmo, ta certa a globo. Mais bunda e menos gte feia, qser ver gte feia entro no chat do terra. (sic)

Esses comentários e muitos outros que beiram formas de agressão inaceitáveis e estão disponíveis no site, e eles foram reproduzidos aqui da mesma maneira que foram escritos, com os erros gramaticais e opiniões dignas de uma reflexão mais profunda de nossa parte, frente ao nível de preconceitos e agressividade com que as pessoas ainda se manifestam diante das diferenças.¹⁹



Figura 16 – Foto de Totolinha Costa e seu namorado, o casal que foi barrado no programa da Rede Globo.

¹⁹ Reportagem disponível na íntegra no <http://diversao.terra.com.br/tv/programas/veja-casal-que-alega-ter-sido-barrado-na-globo-porpreconceito.64bfd5f0e7cd310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html> Visualizado pela última vez 02/04/2013 às 23h09.

Ainda falando sobre a *body modification* e uma suposta onda de modismo que estaria atingindo tais práticas, Ortega afirma que ainda não é possível uma completa absorção dessas práticas pelo universo da moda, já que isso demanda toda uma preparação e planificação exaustivas, exigindo diversos cuidados antes e depois, sem falar que tais práticas deixam marcas permanentes e semipermanentes. As duas ideias, para ele, soam como sendo reducionistas.

Para Ortega, esse investimento no corpo, seja ele qual for, dietético, estético, modificações extremas, tatuagens, é um sintoma da desagregação dos laços sociais, do afastamento do outro e da perda de valores e significados coletivos que costumavam estruturar o mundo simbólico e das tradições e que serviam de alicerces morais ao indivíduo.

O desarraigamento social e a ausência de vínculos simbólicos e rituais coletivos levam o indivíduo a se retrair e a fazer de seu corpo um universo em miniatura, uma verdade sobre si e um sentimento de realidade que a sociedade não consegue mais lhe fornecer. A modificação corporal responde a um déficit identitário, constitui uma suplência identitária, “um tipo de assinatura de si pela qual o indivíduo se afirma na identidade escolhida” que difere daquelas que são atribuídas pelo olhar do outro. (ORTEGA, 2006, p.52).

Para Ortega, essa atenção exacerbada ao corpo pode ser denominada como “bioidentidade”. Bioidentidade seria deslocar a construção e descrição de si para a exterioridade do corpo, praticamente de modo a colocar a alma e os pensamentos virados para fora, estampados na pele. Na contemporaneidade, quem estiver sob o alcance das exigências da indústria do corpo, da moda e da cultura voltadas ao suposto “belo” vê-se frente a promessa/e na obrigação de alcançar o sucesso. Este tipo de ideal leva as pessoas, sobretudo as mulheres, à corrida frenética em busca do corpo, do rosto, do cabelo, perfeitos. Muitas vezes, esse dispêndio de tempo, de energia, de dinheiro, pode até satisfazer as necessidades de adequação a essa “casca” considerada “bela”, mas por outro lado, pode contribuir para o empobrecimento de em outros quesitos, sobretudo o que diz respeito à identidade.

Muitos autores compreendem a *body modification* como uma mão contrária deste movimento da ditadura da beleza, praticamente imposta pela sociedade mercadológica. Imprimir cores e próteses na pele seria uma tentativa de imprimir também um novo padrão estético. Afinal, desde tempos imemoráveis o homem usa de seu corpo para manifestar-se.

Aqui caberia uma extensa lista de práticas que se configuram como sendo formas da *body modification*, seja cortar as unhas, os cabelos, modificar a cor dos cabelos, ou seja retirar pelos do corpo etc. Mas, vamos nos atentar a *body modification* das tribos urbanas, dos jovens, das ruas contemporâneas. Mas, queremos pensar sobre o modo como a contemporaneidade trouxe as modificações corporais ao longo do tempo. E, como ela permite, em excesso talvez, ao indivíduo *sentir* e, sobretudo, *existir*?

Dentro deste contexto é interessante pontuarmos algumas considerações sobre diferenças sutis, divisões e técnicas que existem dentro do movimento da modificação corporal.

Capítulo II - Body modification e suas modalidades: o estranho, o horror e o fascinante.

2.1 - *Freak Show*: o show da sensação de morte.

Com certeza falar sobre *Freak Show* é falar sobre algo nada convencional. O mundo contemporâneo é fluido, rápido, voraz. As ligações com o passado, o tradicionalismo, já não combinam mais com os avanços tecnológico e científico. A hipermodernidade faz com que enfrentamos, dia a dia, situações de *stress*, violência, banalização das relações, entre outras reações frente a situações de variadas naturezas.

Somos uma sociedade baseada nas sensações, nos sustentamos baseados em padrões estéticos e consumimos com os olhos. Por sermos essa sociedade visual e sentimental, a indústria cultural nos presenteia com vasto *menu* de bombardeios emocionais, estimulantes e que nos satisfazem visualmente. Ela precisa necessariamente criar desejos e reforçá-los, sobretudo, precisa colocar o corpo como objeto de conquista, de desejo. Doravante, somos bombardeados de inúmeros espetáculos, nós somos o espetáculo, a sociedade é do espetáculo.

Alguns adeptos da *body modification* fazem performances conhecidas como *freak show's*. Este tipo de *show* consiste em o artista fazer *performances* que chocam, que machucam, que sangram, cortam, fascinam e horrorizam. Deliberadamente, levam

suas sensações ao extremo, desde quem pratica a modalidade, até as de quem assiste hipnotizado, boquiaberto.

Os *freak show's* tiveram suas origens na era vitoriana e o picadeiro era seu lugar de demonstração, estes *shows* contavam com pessoas portadoras de anomalias corporais de nascença, como partes de corpos maiores desproporcionalmente, crescimento de cabelos por todas as partes do corpo, nanismo, gigantismo, imperfeições nos órgãos genitais etc. A palavra *freak*, no sentido literal, quer dizer bizarro. Nos Estados Unidos da América e na Inglaterra do século XIX e XX²⁰, esses shows com pessoas consideradas “bizarras” eram rotineiros e angariavam muito lucro e público²¹. Sobre a “história dos *freak show's*”, há poucas referências bibliográficas.

O que se sabe a respeito é vago, acredita-se que o primeiro museu público de Londres (1723) possuía em seu acervo portadores de anomalias físicas e indivíduos com práticas corporais incomuns. Segundo Beatriz Pires (2008), esses considerados “monstros”, anormais, bizarros, “*freak's*” rendiam muito dinheiro como forma de entretenimento. A forma itinerante deste tipo de espetáculo emergiu no século seguinte, sec. XIX, nos Estados Unidos, e recebeu a alcunha de *freak show*. Destarte, a autora vê a *body modification* contemporânea performática como sucessora desses espetáculos:

O formato itinerante adotado para a apresentação destas atrações, denominado *Freak Show*, surge no século seguinte, nos Estados Unidos, decorrente do incêndio que destruiu o *American Museum*, cujas principais atrações eram similares (...). Mais de dois séculos depois da inauguração do museu londrino, quando corpos humanos, mortos, fatiados e despelados - após serem submetidos à técnica de plastinação desenvolvida pelo anatomista Gunther von Hagens - compõem exposição artística que no Brasil intitulou-se: “Corpos Espetaculares”, os *freak show's* ressurgem com nova roupagem. Em seu novo formato, são protagonizados por adeptos da *body modification* - conceito que designa modificações corporais,

²⁰ Para conferir alguns vídeos públicos disponíveis no canal *youtube* sobre os antigos *freak show's*:
<http://www.youtube.com/watch?v=-K9STCgY4sY>
<http://www.youtube.com/watch?v=7QksIczveRs&list=PL4850C948A8EAF483>
<http://www.youtube.com/watch?v=OZfWhu9YuCU>
<http://www.youtube.com/watch?v=I9jnLzpEaXE>

São gravações dos conhecidos parques de diversões na área estipulada como *Coney Island*, famosa península estadunidense que foi o ícone de parques de diversões do período anterior a Segunda Guerra Mundial. Todos esses vídeos já são de domínio público. Últimas visualizações para confirmar 05/04/2013.

²¹ Para ver mais sobre *freak show* procurar também trabalhos de Charles Eisemann. Ele foi um fotógrafo alemão que ficou conhecido por fotografar pessoas com anomalias corporais que se apresentavam nos espetáculos de *freak show*, no final do século XIX em Nova York. Seus alvos eram as anomalias genéticas: pernas a mais, cabelos a mais, membros de menos, nanismo, gigantismo. São mais de setecentos trabalhos. Neste site <http://bistrocultural.com/16139/as-fotografias-bizarras-de-charles-eisemann.html> é possível ver algumas fotos do incrível trabalho, inclusive as imagens contidas neste subcapítulo são de sua autoria e retiradas desse site.

executadas de diferentes formas - e compostos por performances baseadas em técnicas de manipulação corporal, em sua maioria, originárias de sociedades ágrafas.(PIRES,2008)



Figura 17 - Fotografia tirada por Eisenmann, a garota era conhecida como Myrtle Corbin, a menina de 4 pernas, devido à má formação genética.



Figura 18 - Outra fotografia feita por Eisenmann, menina com corpo coberto de pelos que era atração em circo de horror.



Figura 19 - Outra fotografia feita por Eisenmann. Homem com anomalia de nascença, todas as fotos foram tiradas entre o final do século XIX e início do XX.

Sobre os *freak show's* contemporâneos, não é tão fácil encontrar profissionais do ramo, muito embora seu número esteja aumentando nesta última década, mas podemos fazer uma descrição aqui sobre o que iremos encontrar ao assistir um “show de horror” contemporâneo. Veremos homens e mulheres com implantes de *teflon* na testa, implante de chifres de silicone, implante de pregos na testa e nos braços, língua bi/trifurcada, lábios e lóbulos extremamente alargados, cabeças e rostos completamente tatuados. Portadores de modificações que não são realizadas por qualquer profissional e são comumente invasivas. Não obstante essas características, o *freak show*, além de conter homens e mulheres inclusos nessa estética, conta com diversas *performances* capazes de deixar qualquer um, desavisado ou não, extasiado e horrorizado. Pois, produz um choque que vai da fascinação ao horror, ao apresentar *performances* com motosserras a milímetros de peles e membros, com máquinas furadeiras adentrando

orifícios corporais como boca, nariz e orelhas. Ou são corpos que se chocam a cacos de vidros e objetos metálicos quentes, agulhas enormes que atravessam as bochechas.

Há quem diga que existe toda uma preparação anestésica para esses shows. Há quem diga também que o artista de *freak show* e essa modalidade não devam ser considerados modificação corporal, pois as cicatrizes que deixa, não são tão pretendidas/intencionadas como as demais modalidades da *body modification* e também porque nem todos os modificados extremos fazem *freak show's* e suspensões e nem todo artista de *freak show*, e os que fazem suspensão em ganchos, possuem alguma modificação permanente no corpo. Estas pessoas citadas são em menor número, mas elas existem, pois na maioria das vezes a modalidade da *body modification* extrema está de alguma maneira ligada com *freak show* contemporâneo e com ritual de suspensão corporal. Uma prova disso é que esses eventos sempre acontecem juntos. Convenções de tatuagens e *body modification*, na maioria das vezes, vêm acompanhadas de espetáculos de *freak show* e suspensões corporais. Talvez estejam mais ligados com o sentido performático da *body art* ou também evidenciem a aproximação entre a *body modification* e a *body art*. Mas, uma coisa é unânime: a sensação de estranheza frente ao espetáculo.

Nas percepções freudianas, o estranho seria o relativo ao horror e, indubitavelmente, ao assustador. Geralmente o que delimita o estranho, o belo e demais outras noções são os tratados de estética, a estética vai muito além de apenas teorias da beleza, mas é também a teoria da qualidade de sentir. Freud foi o primeiro teórico a pensar o sentimento do “estranho”; o estranho está intimamente ligado com a ideia de retorno, de repetição. Ou melhor, na concepção mais freudiana do termo: o estranho é algo reprimido que retorna. Na ideia psicanalítica do retorno, sempre *retorna* aquilo que foi recalçado, reprimido. Segundo Martins (2011, *apud* Freud 1919):

O fator da repetição da mesma coisa não apelará, talvez, para todos como fonte de uma sensação estranha. Daquilo que tenho observado esse fenômeno, sujeito a determinadas condições e combinado a determinadas circunstâncias, provoca indubitavelmente uma sensação estranha, que, além do mais, evoca a sensação de desamparo experimentada em alguns estados oníricos.

Logo, concluímos: o estranho não é algo novo. O estranho é a repetição daquilo que já foi experimentado. É como algo que deveria ficar lá no cantinho do

oculto, quietinho, e nos vem à tona. Essa experiência reprimida sempre nos retorna de alguma maneira, seja através de sonhos, de sintomas, de atuação, o estranho – e o gosto por ele – também retornam como sintomas do choque reprimido de uma passagem da infância.

Dentro do contexto dos *freak show's*, inclusive tanto os espetáculos dos séculos passados como os contemporâneos, essa relação familiar se dá com o outro. Quando o outro está realizando sua *performance* com sangue, perfurações, serra elétricas e até mesmo os *freak show's* antigos com os homens e mulheres portadores de anomalias genéticas físicas, damos de cara com um conteúdo daquilo que nós mesmos lutamos para deixar quieto e parado dentro de nós. O que nos é estranho no outro é porque jaz em nós mesmos, onde no fundo encontramos a mesma “estranheza” (Scharinger e Chatelard 2010). Arrisco a dizer que tantos os performistas quanto os expectadores que procuram esses eventos têm as mesmas relações psíquicas e sensoriais catárticos, ou seja, partilham essa descarga de emoções. Creio que essas experiências sociais baseadas em estímulos sensoriais extremos permitem a estes indivíduos potencializarem o sentido de vida de cada um.

Outra reflexão sobre o tema é sobre o nojo que esse tipo de apresentação causa e a plateia, em estado catártico, goza e entra em estado de fascinação e horror. Essa característica do horror que choca e causa náusea e nojo é recorrente nestes espetáculos, inclusive, essas são as intenções de inerente ao ato de se enfiar uma furadeira em funcionamento no nariz para uma plateia (ou não?). Asco, dor, náusea, nojo, superação, vislumbre e fascinação são sentimentos que se cruzam perante tais espetáculos, ao mesmo tempo em que o *performancer* se fura, se corta, traz a lembrança da dor e do corpo perecível, que morre, ele também traz o sentido da superação, já que aguenta firme todas as fincadas e eminências de rasgos irreversíveis. Em umas das atualizações de rede social de um membro da *body modification* e performista de *freak show* do Brasil conhecido como T-Angel, ele publicou uma foto em que alguém está pisando em vidros e velas acesas com os seguintes dizeres: “saudade de sentir meu corpo forte e potente...”.

A liberdade perante o corpo; a eminência de rasgá-lo significaria um rompimento, literalmente, com o ideal de corpo que esteja em voga? Seria para repetir nossa lembrança de dor e de morte? Seria um espetáculo com requintes de

sadomasoquismo e narcisismo²²? Subversão? Seria um espetáculo artístico com funções catárticas?



Figura 20 – Foto do Performista de *freak show* contemporâneo, Freak Garcia, retirando pregos da narina.

²² Há uma aproximação estética e de adereços entre a *body modification* e suas performances e os entusiastas do sadomasoquismo. É comum vermos tatuagens, piercings, cordas, roupas de vinil e transparências em ambos os grupos, segundo estudiosos, os dois movimentos tiveram seus desenvolvimentos na mesma proporção e época: é a revolução do corpo e do sexo. (MARTIN, 2011).



Figura 21 – Foto de Freak Garcia enfiando broca de furadeira nas narinas.



Figura 22 – Foto de Freak Garcia, fazendo movimentos circulatorios com pesos presos em seu lóbulo das orelhas.



Figura 23 – Foto de Freak Garcia, introduzindo agulhas nas bochechas.

2.2 - Tatuagem

Indubitavelmente, a tatuagem pode ser concebida como o abre-alas das modificações corporais. A tatuagem é um processo com o qual pigmentos são colocados permanentemente sob a pele. Não conseguimos pontuar exatamente no espaço-tempo onde e quando se iniciou o processo de tatuar a pele, mas, segundo estudiosos do tema é possível encontrar processos semelhantes no Egito antigo, 2.000 a.C. (SOARES, 2011 *apud* LAUTMAN).

A tatuagem não emerge por si só apenas como um adorno na pele, ela tem significado e esse é um significado histórico. A tatuagem no Egito, que tudo indica ter sido a região de povos pioneiros em furar a pele e cobri-la com pigmentos, há cerca de 4.000 a 2.000 anos a.C., era um meio de representar artisticamente o corpo, o corpo representado tornava-se imortal, eterno. Segundo Pires,

A imortalidade da alma estava vinculada à representação, à conservação e à recomendação do corpo. Assim, nesse período desenvolveram-se técnicas artísticas de representação do corpo humano – tanto para pintura como para

esculturas – métodos científicos de conservação – embalsamação e mumificação – e fórmulas de encantamento. Tendo como objetivo garantir a imortalidade, a arte, para os egípcios, estava intimamente relacionada à magia (...). Para que esse objetivo fosse atingido, além de uma estátua feita à sua semelhança, eram representadas junto ao seu corpo, por meio de pintura, todas as suas posses: dos dons inatos, passando pelo parceiro amoroso e pelos bens materiais, até os escravos. (PIRES, 2003).



Figura 24 – Foto de uma mão de múmia egípcia, com tatuagens.

No Japão e na China, há registros do uso de tatuagens e marcações corporais como forma de punição, ou seja, marcava-se o corpo de uma pessoa que infringisse a regra. No Japão, no século XVI, nasce a *Yakuza*, uma das mais famosas associações criminosas e mafiosas que obedece a rígidas filosofias e leis próprias e são compostas, *a priori*, somente por homens. Os membros da *Yakuza* têm como marca principal as tatuagens, que geralmente tomam as costas inteiras, ou até mesmo corpos inteiros, com temas orientais e dragões. As mulheres começaram a serem aceitas na organização a partir dos anos de 1990, como ocorreu, por exemplo, com Shoko Tendo, conhecida como a “princesa da Yakusa”, filha de um chefe da *Yakuza*, conseqüentemente, foi obrigada a atuar na máfia pelo pai e tem o corpo todo tatuado por conta dos costumes e tradição da organização. Em seu livro, Tendo conta as más experiências que teve durante sua atuação no grupo.²³

²³ O livro de Tendo se chama *Yakuza Moon*. Livro interessantíssimo que conta a vida da autora como filha de chefe da máfia e como foi crescer com ele alcoólatra submetendo-a a violências físicas. Na adolescência já era líder de uma gangue juvenil de rua, já foi parar em reformatórios, namoros conturbados com membros de organizações criminosas etc. Alguns eventos que aconteceram *a posteriori* deram outro destino a sua vida. Vale a pena conferir a entrevista cedida para a web site <http://madeinjapan.uol.com.br/2009/12/30/a-princesa-da-yakuza/>.



Figura 25 – Foto de Sheko Tendo, filha de chefe da Yakuza, exibindo suas tatuagens típicas da máfia.

Os grupos Yakuza's surgiram no Japão Feudal e eram os responsáveis pelos jogos de azar, a prostituição, a agiotagem, o tráfico de drogas, cobranças e proteções, e demais atividades comuns a uma organização mafiosa. Eles adquiriram o hábito de “fechar” o corpo com tatuagens para esconderem as tatuagens feitas por crimes e punições – como uma forma de camuflagem. Neste processo, quem escolhe a tatuagem é o tatuador, conforme a personalidade do tatuado – isso significa geralmente que o tatuador deva conhecer bem a família e a pessoa que será tatuada para confeccionar a sua “segunda pele”.

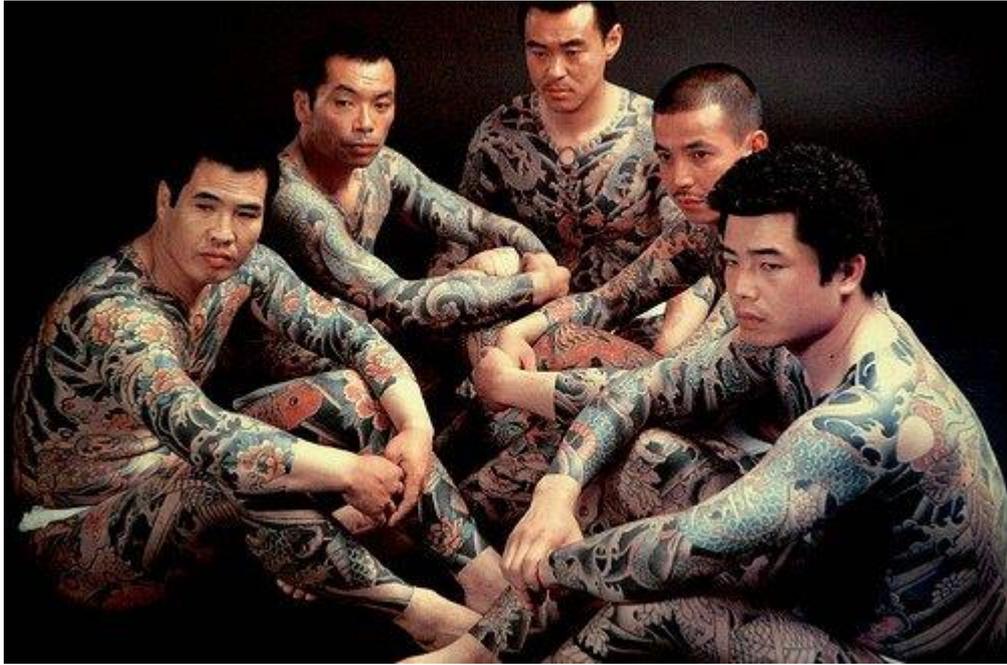


Figura 26 – Foto de membros da Yakuza e suas tatuagens.



Figura 27 – Foto de membro da Yakuza tatuado.

As tatuagens representam coisas diferentes e com o passar do tempo e as mudanças de lugares ela têm sentidos diferentes. A tatuagem no mediterrâneo geralmente possuía conotação religiosa, já no Havaí ela referia-se principalmente à memória a um ente falecido.

Segundo Ferreira (2006), as marcas, principalmente as primeiras, que geralmente são tatuagens, são constituídas de atos impulsivos, pouco refletido ou trabalhado, a primeira marca seria o que ele denomina de “modalidade fluida de reflexividade”, segundo este autor tais atitudes costumam vir interligadas a uma figura admirável para o indivíduo, seja no campo dos quadrinhos da infância, seja das bandas que mais se gosta, ou de algum personagem fictício com o qual ela se identifique, ou seja, as fontes de inspiração para as tatuagens, geralmente são os heróis da vida cotidiana dos jovens.

Se há algo que os jovens sentem ao tomar a decisão de se tatuarem, certamente que isso se refere, principalmente, aos questionamentos quanto ao tamanho da tatuagem, a cor, o valor, se dói, ou não e sobre quem será o tatuador. Esse ritual leva o interessado a até mesmo a protelar o ato de demarcação dos detalhes para a realização da tatuagem - pois, as modificações corporais ainda demandam uma razoável quantidade de dinheiro para que tudo ocorra como o esperado, e o produto final corresponda às expectativas, e para que o processo seja realizado com profissionalismo e com segurança.

Ferreira diz que essas pessoas que protelam esse ato de definitivamente fazer a tatuagem, também estendem o desejo de fazê-la, ou seja, quando se está no campo da idealização, do prazer em imaginar, também se está antecipando sensações. Sensações estas que vão do desejo de desfilar tatuado; trata-se também da sensação de ter algo marcado permanentemente no corpo e, sobretudo, imagina-se, aflige-se ou delicia-se com as reações que serão provocadas em seu meio social e, por fim, creio eu, imagina-se a dor.

Sem dúvida, nos guetos *underground's*, as tatuagens literalmente deixam sua marca, as primeiras tatuagens dos guetos urbanos, das tribos urbanas, como por exemplo, dos *punk's* dos anos de 1970/80, eram artesanais, seguindo quase sempre o lema do “*do it your self*”²⁴. As tatuagens ainda seguem duas modalidades: dos adeptos que realmente são do grupo dos *body mod's* e dos que seguem a tendência devido ao fato dessa forma de expressão ter se tornado mais uma forma de modismo. Acho muito difícil falar sobre o fato de a tatuagem ter se tornado um modismo contemporâneo, pois, praticamente, só algumas são aceitas socialmente, ou seja, só as que a “indústria cultural” permite. Afinal, tudo o que a indústria cultural percebe como capaz de ser incorporado, e podendo gerar lucros, torna-se público, ou seja, é posto em evidência, faz-se visível, e ela operacionaliza essas manifestações todas de modo a servirem aos desígnios do “rentável”.

Mas, isso é uma discussão que ainda causam controversias, porque, ao mesmo tempo em que as modificações corporais e sobretudo as tatuagens remetem à figura da dissidência e subversão, elas custam caro aos bolsos dos dissidentes. Ao mesmo tempo em que por ser uma marca permanente, considerada uma forma de obra de arte, e exigir certos materiais de boa qualidade e descartáveis, ela precisa de um valor que faça jus a seus custos. A tatuagem, assim como os *piercings*, é categorizada, segundo os *body*

²⁴ Do inglês “faça você mesmo”.

mod's como modificação corporal “não extrema”, pois ela é mais aceita socialmente hoje em dia. Estou de acordo com tal definição, pois, como já disseram alguns ícones do movimento em entrevistas que concederam a outros pesquisadores que tratam desse assunto, a definição de “extremo”, hoje em dia, seria formas de modificação mais radicais como, por exemplo, a amputação, diante das quais, um *piercing*, ou uma tatuagem, seriam tão amenos quanto cócegas.

Encontramos textos sobre tatuagens nos escritos de Heródoto em 700 a.C., há presença das tatuagens nos escritos gregos e romanos, cada qual com suas funções e particularidades. Diz-se que na Grécia tatuavam-se os escravos com os nomes de seus donos e em Roma tatuava-se os legionários com o nome de seu general e o símbolo de uma águia, tinha-se o hábito de tatuar os marginais de modo a ficarem estigmatizados. Na cristandade, costumava-se tatuar a cruz nos rostos e nos braços dos mais fiéis, esse hábito não perdurou muito tempo, em virtude de se acreditar que qualquer “violência” contra o corpo, estava infligindo o corpo que é à imagem e semelhança de Deus e, por isso, até hoje os religiosos fervorosos tendem a torcerem os narizes para essa prática.

Na modernidade, temos a emergência da tatuagem no século XVIII, com as viagens exploratórias de James Cook, segundo Janeiro:

O primeiro contato acontece na Polinésia. É lá que o navegador trava conhecimento com uma cultura na qual a tatuagem estava amplamente inserida. Esta prática havia se tornado popular entre os marinheiros e, quando fora trazida para a Europa, passara a ser vista pela elite europeia como algo bárbaro e selvagem. No século XIX encontramos o apogeu da tatuagem como espetáculo. Esse tipo de evento se manteve até então como uma espécie de subcultura, assim permanecendo até a primeira grande guerra. Após esse período, a tatuagem se tornou mais disseminada entre a população em geral e seu interesse como atração se esvaiu. Encontramos ainda um breve período em meados do século XIX no qual a tatuagem se tornou comum entre os nobres europeus. Nessa época, também, vimos surgir o *piercing* nas sociedades ocidentais, trazido por legionários em suas viagens ao Oriente e ao Pacífico. No Brasil, o precursor da tatuagem moderna foi um cidadão dinamarquês chamado Knud Harald Lucky Gegersen, conhecido popularmente como Lucky ou Mr. Tattoo. Lucky chegou ao Brasil em 1959 e se estabeleceu em Santos – SP. (JANEIRO, 2010).

Sem dúvida, Lucky teve uma profunda participação na história da tatuagem, inclusive a contribuição de seu trabalho como tatuador vale muito, por mais imperfeitas que fossem as suas tatuagens. Ele foi, por um longo período, o único tatuador a atuar aqui no Brasil – morreu em 1975 –, até que começaram a aparecer outros que o tinham como referência, inclusive. Além desses registros sobre a tatuagem, encontramos também a sua presença, além da Polinésia, nas Filipinas e na Nova Zelândia (maori).



Figura 28 - Foto que mostra exemplos da Tatuagem Vintage.

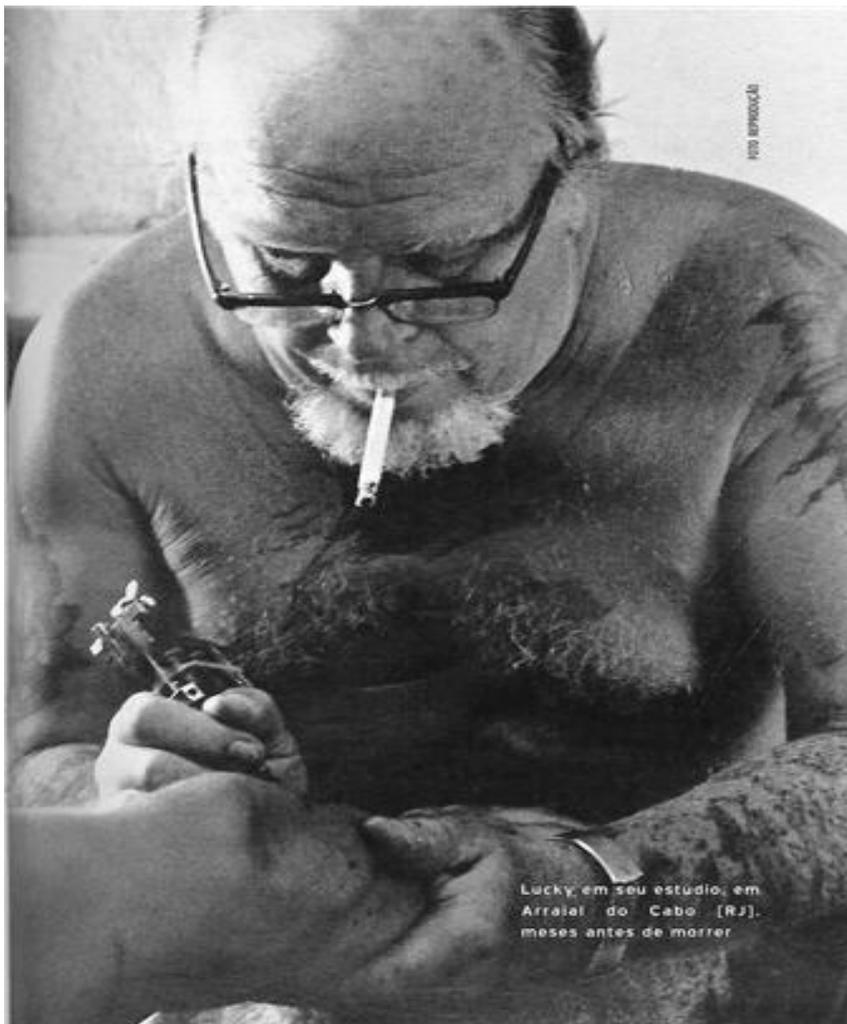


Figura 29 – Foto de Lucky, em estúdio, meses antes de falecer.

Sobre as motivações para as escolhas das tatuagens, já observado, inclusive, devido as minhas visitas e perambulações por estúdios de tatuagens, que a questão estética é o maior motivador para a escolha de uma tatuagem. O que confirma uma entrevista que Abonizio e Fonseca (2010), realizaram com um profissional do ramo de tatuagens. Nessa entrevista que ele concedeu a essas duas autoras, ele afirmou que a maioria das pessoas, ao escolherem suas tatuagens, guia-se mais pelo quesito estético diante dos catálogos existentes nos estúdios, do que pelo real valor simbólico da marca que estará em seus corpos para sempre. Para ele existe uma frase que define bem esse tipo de comportamento: “entra pensando em gatos e sai com flores no corpo”.

Também acredito que refletir sobre essa escolha do objeto de uma tatuagem seja importante, pois a tatuagem não é meramente uma marca. Assim como todas as marcas das modificações, fazer uma tatuagem não é apenas acrescentar um símbolo em

nossa epiderme, mas faz parte da própria construção, da constituição de um indivíduo, de um sujeito. É a constituição de um corpo, que, automaticamente, é a construção de indivíduo.

Uma nova modalidade em voga hoje é a tatuagem no globo ocular, o procedimento consiste em injetar pigmentos específicos que colorem os olhos. Aqui no Brasil essa ainda não é uma técnica comum e sua história oficial é discutível. Segundo o site especializado do *frrrkguys* – já mencionado nesta pesquisa – o *eyball tatooin* começou em 2007 com Shannon Larraft (ícone mundial da modificação corporal e fundador da revista virtual especializada em modificação corporal BMEzine, inclusive, cabem aqui os meus pêsames, pois, em meio a essa pesquisa, fui informada pelo fundador do *frrrkguys* que Shannon havia se suicidado, pois sofria de doença degenerativa e sobretudo, de preconceito). Com relação a essa modalidade de tatuagem, o procedimento para sua realização pode ser descrito da seguinte forma: o pigmento tem que ser injetado apenas na camada cristalina do olho e não deve ser inserido dentro, pois pode causar cegueira completa. Além disso, trata-se de um procedimento irreversível.



Figura 30 – Foto de Jefferson Saiint, brasileiro que tem o globo ocular tatuado e o primeiro profissional que já aplicou essa técnica em alguém.

E quando a tatuagem vira uma forma de arte exclusiva de um artista? Hoje é possível se encontrar grandes artistas capazes de tatuarem legítimas obras de arte nas peles. Nestes casos é possível afirmar: sim, o corpo pode ser suporte de arte! Creio que seja difícil ser isenta nesta questão, mesmo porque, coincidentemente, este aqui é o tatuador por quem tenho uma predileção especial.



Figura 31 – Foto de uma das tatuagens de Xöil.

Xöil é um tatuador francês que inovou no estilo de tatuar.



Figura 32 - Foto de uma das tatuagens de Xöil.

2.3 - Escarificação

Na África negra, o uso de marcações como escarificações, pinturas e demais marcas são comuns em determinadas tribos. Elas tem sentido religioso, marca o *status* de uma pessoa e a denomina numa sociedade. Principalmente na Nigéria, as escarificações representam fases importantes da vida. As cicatrizes que substituem a roupa têm aspecto de renda e parecem, artisticamente, belas.



Figura 33 – Foto que mostra uma mulher com escarificação - Nigéria.



Figura 34 – Fotos de mulheres com escarificações.

Essa técnica consiste em produzir desenhos no corpo através da utilização de objetos cortantes, e de modo que as cicatrizes são o produto da arte final. Elas podem, de acordo com as técnicas, serem rasas ou profundas. Esse tipo de técnica ainda não é feita em qualquer estúdio.



Figura 35 - Exemplo de Escarificação.



Figura 36 - Exemplo de escarificação.

2.4 - Bifurcações da língua ou Tongue Splitting

Consiste na *bi* ou *trifurcação* da língua. De modo que a língua torne-se semelhante a uma língua de lagarto. Ela geralmente é cortada ao meio e forçada a cicatrizar desta maneira, de modo que fique dividida. Nada muda na língua e ou em suas funções e nem nada é removido, apenas a linha que divide as duas partes carnosas da língua é cortada, de modo que as duas partes sejam separadas. Esta prática é mais comumente feita nos estúdios de tatuagens. Ela é uma técnica reversível e o único risco é não ser feita num ambiente cirurgicamente controlado. O risco também está em se fazer o corte muito grande, o que pode comprometer nervos e tecidos. Há cuidados necessários após o procedimento, no que se refere à higiene, alimentação etc. O processo com certeza dói muito, mesmo porque não há aplicação de anestesia para a realização desse procedimento.



Figura 37- Foto que mostra o procedimento de bifurcação sendo realizado.



Figura 38 – Foto do famoso "homem lagarto". Figura conhecida da modificação corporal, com sua língua bifurcada.

2.5 - Implantes Subcutâneos ou transdermal

A implantação de moldes por debaixo da pele consiste no ato de modificar permanentemente o lugar do corpo escolhido. Os implantes podem ser de *teflon* ou de silicone – o mesmo utilizado para as próteses de mama e que, segundo penso, também tem a intenção de modificar parte específica do corpo: os seios. Essa técnica de implantes foi inventada nos idos dos anos de 1990 e é uma técnica mais complicada, pois ela requer que se descole a pele e a gordura para colocar os implantes no espaço entre o músculo e a pele, que deve ser costurada em seguida. As complicações podem surgir pelo fato desse tipo de procedimento necessitar de ambiente cirúrgico para ser

realizado. O local do corpo pode ser qualquer um, desde que não sejam as áreas das articulações. Essa técnica também é reversível, mas, a pele da área implantada se adapta e acaba ficando flácida com a retirada do implante.



Figura 39 – Exemplos de implantes subcutâneos, em diversos lugares do corpo.



Figura 40 - Foto que mostra o uso de Chifres implantados.

2.6 - Piercings

Talvez o *piercing* seja o tipo de modificação que alcançou a maior popularidade dentre todas as outras. Assim como o brinco, o *piercing* também é um tipo de modificação reversível: pois, ao se retirar a joia, o furo se regenera. E ele, hoje em

dia já é considerado um acessório bastante comum, o preconceito com relação ao seu uso nem é dos maiores e há um enorme número de pessoas que aderiram a esse tipo de adorno e que estão dispostas a terem o corpo perfurado. A preocupação maior está na escolha do estúdio, pelas necessidades higiênicas, a qualidade da joia, senão pode haver inflamação e o corpo a expelar para fora, a higienização e assepsia, após o procedimento, também são importantes. Preferencialmente, as joias têm que ser de aço cirúrgico ou de material antialérgico. As agulhas geralmente são descartáveis e os lugares do procedimento são diversificados: lábios, orelhas, umbigo, nariz, mamilos, bochechas, região genital, dedos etc. Um dos estilos que anda se popularizando, principalmente entre as mulheres, é o do “*Piercing corset*”, que é a implantação de diversos piercings de argolas, em duas fileiras, de modo que depois se trancam fitas entre as argolas, imitando os *corset's* usados pelas mulheres no século XIX.



Figura 41- Foto que mostra o uso de Piercing Corset.



Figura42 – Foto que mostra o uso de Piercings diversos.

2.7 - Alargadores

Os alargadores talvez estejam no rol das modificações mais primitivas. Na Etiópia, as mulheres costumam usar discos de madeira nos lábios inferiores, de modo que o tamanho deles é proporcional ao tamanho do dote que a família podem pagar à família do noivo. Elas só podem retirar os alargadores sem homens por perto. Logo, os tamanhos dos discos indicam o *status* social e econômico das famílias. O uso de alargadores nos lóbulos também é costumeiro em outras tribos. Na atualidade, o uso de alargadores estendeu-se para as narinas também, outras partes da orelha que não seja o lóbulo. O alargamento é recomendado que seja feito em estúdio, mas geralmente, quem já tem um furo no lugar que deseja alargar começa o procedimento em casa, mesmo. A escolha do material que alargará o orifício também é importante, para evitar futuras infecções. O cuidado ao alargar também deve ser tomado para que a pele não se rompa e seja preciso costurá-la.



Figura 43 – Foto que mostra o uso de alargadores de orelhas, queixo e narinas.

2.8 - Suspensão

Essa modalidade também, sem dúvida, é a mais antiga. Começou há milênios na Índia e hoje proporciona sensações extremas aos seus adeptos em todo o mundo. Os ganchos enfiados na pele ganham novos lugares e formas diferenciadas e experimentadas pelos adeptos. Para que o procedimento seja seguro, é necessário que haja um profissional do ramo e altamente experiente para evitar rasgos e machucados.

Dependendo da experiência da pessoa suporta-se uma suspensão de minutos ou de horas. As formas de suspensão possuem várias modalidades:

Suicide: Geralmente a pessoa fica suspensa na vertical, com apenas dois ganchos nas costas.



Figura 44 - Exemplo de suspensão, modalidade *Suicide*.

Superman: Geralmente a pessoa fica suspensa na horizontal, com a barriga para baixo.

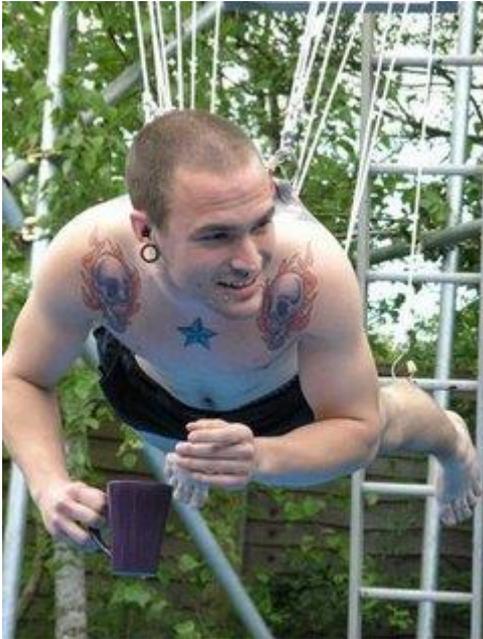


Figura 45 - Exemplo de suspensão, modalidade *Superman*.

Coma: Geralmente a pessoa fica suspensa também na horizontal, mas com a barriga para cima.



Figura 46 - Exemplo de suspensão, modalidade *Coma*.

Knee: Geralmente a pessoa fica suspensa de cabeça para baixo, com dois ou quatro ganchos nos joelhos.



Figura 47 - Exemplo de suspensão, modalidade *Knee*.

Chest: a posição é vertical e os ganchos vão ao peito, geralmente dois. Os índios norte-americanos, que usufruíam dessa técnica em rituais, costumam chamá-lo de *O-Kee-Pa*.

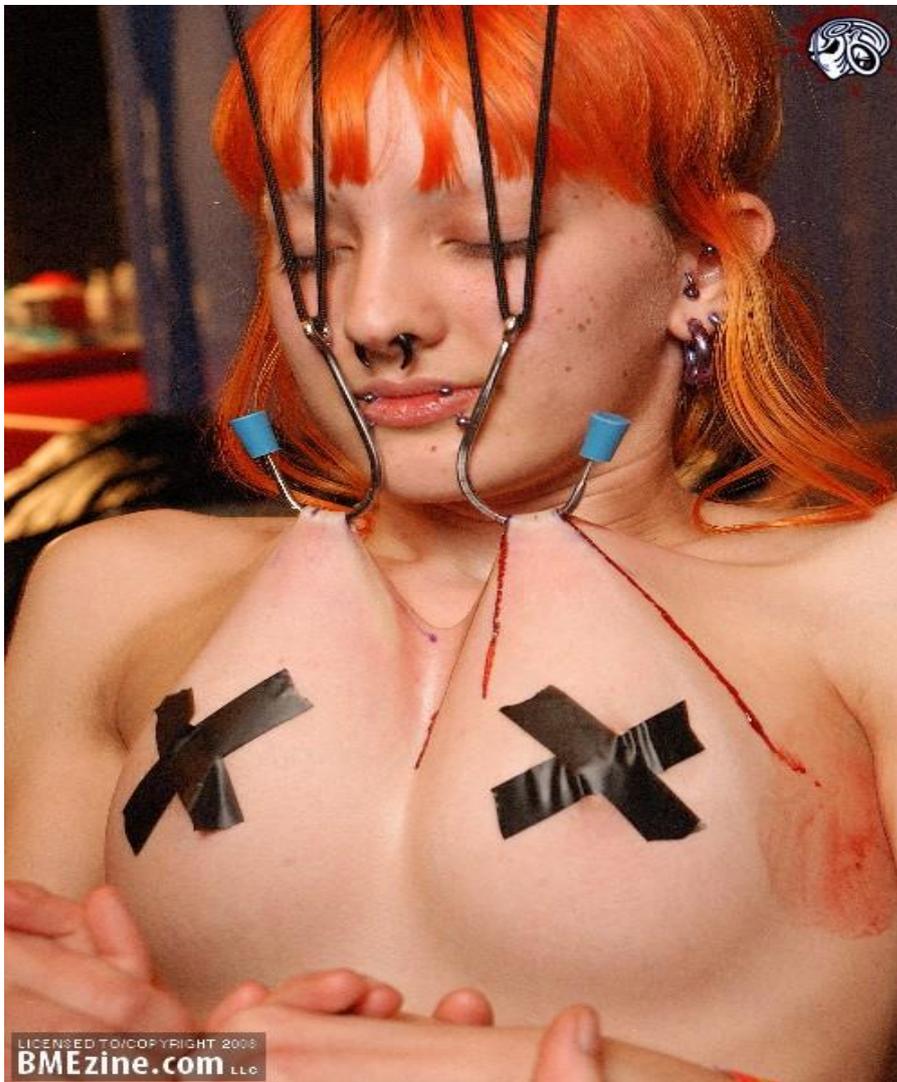


Figura 48 - Exemplo de suspensão, modalidade *Chest*.

Lótus: como o nome já diz, essa suspensão é realizada na posição de lótus.



Figura 49 - Exemplo de suspensão, modalidade posição de Lótus.

Sobre as suspensões, algumas coisas são importantes de serem frisadas aqui: O profissional que for fazer tem que ter uma noção quase que matemática, senão não saberá exatamente onde colocar os ganchos e, sobretudo, a quantidade deles. É necessário conhecimento físico e biológico. Não obstante, a pele do suspenso deve ser verificada para saber a elasticidade e resistência e o peso também, para se saber exatamente a quantidade e tamanho/espessura dos ganchos. Recomenda-se, antes das práticas, uma dieta sem substâncias tóxicas – alimentos pesados, cigarro, drogas, álcool – para não complicar depois as lesões causadas pelos ganchos. Na hora da suspensão, se algo de errado, for percebido, ela deve ser interrompida imediatamente.

2.9 - Modern Primitives

Como a *body modification* e seus adeptos estão incluídos no contexto das tribos urbanas, sempre fazem comparações aos adeptos com os adeptos primitivos, já que a

body modification é a apropriação dessas práticas primitivas milenares para o contemporâneo. Segundo Braz:

Os *Modern Primitives* buscavam uma aproximação ideal, simbólica e prática com técnicas supostamente pertencentes a sociedades que diziam ser tradicionais ou “pré-letradas”. A referência a um primitivismo idealizado romanticamente lhes servia – e continua servindo a muitos dos adeptos da Body Modification – de substrato para dar sentido e legitimidade a suas práticas. (BRAZ, 2006).

Esse termo foi usado pela primeira vez em 1967, por Fakir Musafar, ícone fundador do movimento que prioriza se aproximar o máximo possível das condições espirituais das modificações. Musafar nasceu em 1930, estudou engenharia, mas nunca exerceu, hoje ele é editor da revista *Body Play* e é professor de técnicas corporais e xamanismo. Desde a infância, Fakir já experimentava as modificações fazendo furos em seu próprio corpo. Sua maior influência foram as revistas da *National Geographic* de onde tirava exemplos das modificações tribais.

Há uma experiência que é interessante relatarmos aqui: quando ele tinha dezessete anos fez sua primeira experiência corpórea e relatou as sensações experimentadas. Ele ficou cerca de vinte e quatro horas sem dormir e dançando sem parar, em seguida, atou sem corpo com cordas e ali permaneceu por horas. Musafar alega que pela primeira vez sentiu como se tivesse saído do seu corpo e tal sensação foi descrita por ele como sendo algo inigualável. Foi como se ele estivesse fora de cena, vendo seu corpo de outro lugar.

Musafar diz que estava realmente procurando uma sensação limite e sentia seu corpo dormente com atenção voltada apenas para o que se passava na sua cabeça e para os barulhos que começou a ouvir – ele crê que eram os barulhos de seu batimento cardíaco – e que ele chamou de “potência que animava o corpo”. Ele acredita que objetos estranhos no corpo, perfurados, amarrados, aumentam a visão da pessoa e a relação dela com o próprio corpo. Estes jogos corporais, para Musafar estão próximos da magia e a magia próxima do controle do mundo. Ciência e magia, para ele são a mesma coisa. E, para ele, a magia tem um papel fundamental em sua vida – acho lúcida essa comparação dele, já que magia e ciência já foram a mesma coisa no passado. Fakir assumiu seu nome e suas performances em público em 1978 por influência de um homem que andava pela Pérsia, em 1800, com objetos cortantes no corpo e tentava explicar para as pessoas os mistérios que envolviam aquele ato (JANEIRO, 2010).

Ele tinha o hábito de se fotografar para registrar os momentos. É fácil achar material dele disponível na *internet* praticando seus “*body plays*” – jogos corporais, como ele gosta de chamar. Sobre a dor e a sensação proporcionada a ele, Janeiro diz:

De acordo com Musafar, os rituais devem ser físicos e envolver dor e sangue, além de deixarem marca. Sua importância está no fato de possibilitar ao indivíduo que se submete a eles passar para uma outra fase da vida, atingir um nível de amadurecimento, tornar-se adulto. Porém, a forma como magia, rito e dor se precisam ser esclarecidos. Musafar acredita que a magia está presente em todos os ritos e se manifesta muitas vezes como uma intuição. O entendimento da importância da presença da dor nos rituais de modificação corporal nos parece essencial para a compreensão de seu pensamento. A dor é obtida através das intervenções no corpo e é, também, o meio de se alcançar estados alterados de consciência. O artista não a reconhece como uma sensação desprazerosa, mas nem tão pouco como algo prazeroso. (JANEIRO, 2010).

Para Mussafar a dor não existe, ela é apenas uma sensação. Já que essa é uma forma de dor proporcionada voluntariamente é como se fosse um experimento. Segundo ele, a pessoa se coloca, conscientemente, em estado de “percepção” da dor. Os *modern primitives* são uma variação da *body modification*, muito embora alguns autores a vejam como a mesma coisa – ainda que se possa comprovar que não é assim, pois os *modern primitives* fazem *performances* ritualísticas com o corpo, produzem estados alterados do corpo em jogos corporais e geralmente são artistas de *performance*, nem todo adepto de modificação corporal faz suspensão corporal, por exemplo.

Em suma, para Mussafar a dor proporciona engrandecimento pessoal e afirma que há sempre a passagem de um estado para o outro quando se faz os rituais, a pessoa nunca é a mesma daquela que começou o processo. A dor no caso viria para aumentar a resistência física e mental do indivíduo, o sentido desses rituais, para os adeptos é completamente espiritual.



Figura 50 - Foto que mostra o Fakis Mussafar em ritual de suspensão.



Figura 51 - Foto que mostra os "body plays" de Mussafar.

Capítulo III - As tribos urbanas e a construção do eu: um lugar para chamar de meu.

“(...) contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros”. (Giorgio Agamben)

3.1 - Panorama histórico: tribos urbanas, identidade nas metrópoles e sentimentos.

O que seria essa complexa sociedade de onde emergiram as tribos urbanas e conseqüentemente os adeptos da modificação corporal? A sociedade contemporânea, juntamente com o fenômeno das tribos urbanas e as modificações corporais são assuntos de demasia complexidade. Assim como as polissemias de conceitos são muitas para um, são por demais para os outros também.

Já disse Marshall Berman, embasado no nosso velho barbudo – Karl Marx –, “tudo que é sólido se desmancha no ar” e disso podemos tirar proveito para concluirmos sobre a efemeridade e a fluidez da sociedade contemporânea. O que desmancha são as estruturas que eram consideradas sólidas para o mundo moderno, as estruturas que davam suporte identitário e psicológico ao indivíduo. Bem-vindos a uma passagem de época: do sólido para o fluído. Berman (1986) afirma que a burocratização, fragmentação, e, sobretudo, a queda dos ideais utópicos gerados pela modernidade fez com que a sociedade cortasse os laços e os vínculos enraizados e tradicionais que, de alguma maneira, nem que fosse de modo meramente simbólico, sustentavam suas raízes. A modernidade e seu idealismo, erguidos sobre os alicerces do século XVIII, não permaneceram estáticos, ela sofreu rupturas, transformações e permanências.

Para Maffesoli (2000), o que ele chama de pós-modernidade, outros de modernidade tardia, alguns de hipermodernidade, instituiu novos paradigmas estéticos e pontua o fim do ideal de homem moderno com o EU fechado em si, caminhando, inclusive em direção do conceito de *persona*, e somos obrigados a enfrentar a multiplicidade de papéis sociais que todos nós estamos sujeitados a exercer. Esses

“eu’s” conhecidos como “máscaras sociais” têm a efetividade de nos fazer sobreviver a diversos momentos e lugares em que “devemos” estar durante o dia: é o trabalho, a faculdade, o círculo de amigos, o local de lazer, a família. Ou seja: fomos presenteados por uma multiplicidade de Eu’s.

Segundo Lash (1983), o indivíduo contemporâneo é fruto de um “eu” inseguro, sitiado, mínimo, narcisista, que está com a constituição de sua identidade em risco, pois dentro de uma sociedade organizada em torno do consumo de massas, que fragiliza a pessoa e a torna dependente e viciada de tudo que ela produz, ele é incapaz de compreender e enfrentar o próprio mundo que habita. Não é que as pessoas não tenham mais suas posições sociais fixas, afinal elas ainda têm que trabalhar estudar, construir carreira, ter família etc., mas elas têm que enfrentar um mundo e uma sociedade estilizados pela indústria cultural e por uma razão instrumental que não as deixa perceber de forma independente o que se passa no interior desse círculo.

Por mais que ainda tenhamos essa “posição fixa” na sociedade, ela não nos faz mais firmar compromisso com nada, por conta dessa imprecisão identitária, do uso demasiado de máscaras sociais, nossa relação com o “outro” fica comprometida.

Segundo Balandier (1997) estes papéis sociais tornam-se indefinidos e confusos e o indivíduo, com toda sua pluralidade de atuações acaba tornando-se superficial. Para Maffesoli, as tribos urbanas – ou agrupamentos juvenis – vêm para imprimir sentido a essa lógica. Neste século, o “neotribalismo”, como é chamado por alguns autores, vem para corresponder a uma espécie de resposta a esta sociedade fragmentada, fria, individualista. A convivência dos jovens nesses agrupamentos permite que se troquem afetividade, paixões, dissidências e se construa um canal simbólico capaz de permitir que eles se expressem de forma a conseguir exercerem suas identidades; afirmarem-se. As tribos urbanas almejam ostentar uma vitalidade rebelde, opondo-se ao individualismo moderno e almejam sempre flutuar pelas margens da sociedade.

O que acabou acontecendo dentro deste contexto, foi semelhante ao que aconteceu com todas as manifestações percebidas pela indústria cultural como capazes de gerar lucro, ou seja, as tribos urbanas não saíram ilesas da capacidade dessa indústria de incorporar e transformar em fonte de lucros as mais diversificadas formas de manifestação de grupos. Alguns grupos também existem de forma calculada, programada, processada, simulada, contabilizada, enfim, devem sua existência empírica às engenhosas inovações tecnológicas. Para Lastória (2004) os *body mod’s* teriam o

mesmo impulso, talvez, de contestação ou resistência que outrora nutria os movimentos sociais e os ativistas que buscavam uma sociedade mais justa e livre. Mas ele faz sua crítica: os jovens preferem colocar suas reivindicações em vitrines e em seus corpos do que colocar em pauta de discussão em alguma mesa redonda, entretanto, mesmo assim, não consegue ver como sendo de todo mal esse tipo de atitude.

Para ele, os pós-modernos estão equivocados quando dizem que “acabaram-se as ideologias e agora é o fim das utopias”, alguns grupos vêm para mostrar que mesmo assim, o impulso utópico de liberdade e protesto vem colado ao próprio corpo, surgindo como utopias somáticas, nem que seja à base de ferro e fogo, literalmente. Vou retomar aqui a conclusão de alguns autores que coloquei para dialogarem noutros capítulos, Abonizio e Fonseca (2010), partilham quase da mesma opinião de Lastória, de que os modificados tentam recuperar tradições que foram silenciadas pela busca incessante do progresso e quando conseguem recuperar tais tradições, retiram-lhes de contexto e as imprimem na pele, no corte, no furo, nos ganchos.

Para Dossin e Ramos (2008), o cenário hipermoderno e sua insegurança exigem que cada um imprima um sentido para si mesmo, e as novas identidades urbanas e os processos de construção de subjetividades respondem a essa instabilidade contemporânea. Para alguns psiquiatras, essas atitudes quando muito extremadas configura-se numa forma de pedido de socorro neurótico e masoquista do narcisismo e, cada caso deve ser analisado mais de perto, para se avaliar quando esses comportamentos começam a ultrapassar o limite do saudável e viram casos patológicos. E isso costuma acontecer quando a pessoa perde a noção de vida e começa a querer testar o limite de dor e tolerância do corpo. Esse tipo de comportamento, segundo os estudiosos de doenças mentais, levam o indivíduo a se achar mais forte e belo que o restante do mundo, levando-o a uma percepção distorcida da realidade.

Ortega (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, org.) diz que esse investimento no corpo é uma resposta à desagregação dos laços sociais, ao afastamento do outro e à perda de valores e significados coletivos que estruturavam o mundo simbólico do indivíduo. Essa opinião é partilhada por vários estudiosos do tema e vemos que o corpo e as suas marcas entram para sanar a urgência do “parecer real”, como uma superfície protetora contra a incerteza do mundo. As pessoas *sentem* necessidades disso. Ortega afirma:

As modificações corporais constituem uma radicalização do real: quando a ordem simbólica não produz mais a ordem social, o simbólico é reduzido ao real, ele é incorporado, encarnado. A passagem do simbólico ao real acontece pelo corpo e no corpo. (...) Essas práticas se apresentam como promessas de resgatar o corpo da “monotonia sensorial” das normas sociais, formas de intensificação sensorial e sensitiva diante da anestesia sensorial da cultura contemporânea.

Por meio deste trabalho conseguimos visualizar como os adeptos das modificações sofrem preconceitos, desse modo, e em decorrência desse preconceito, algumas pessoas usam desse fator como justificativa e incentivo para chocarem ainda mais as pessoas ao redor, como uma contra resposta violenta. Para Martín (2011), as modificações corporais juntamente com a *body art* podem sim, serem atos de dissidência e contestação, quando bem aplicadas e não apenas para se autopromover.

3.2 - Tribos urbanas: uma história de contestação e sentimentos de dissidência.

É no contexto juvenil que elas existem e resistem – apesar de muitos “coroas”, hoje em dia, ainda fazerem parte das tribos, como a “velha guarda”, e virarem símbolos de respeito entre os mais novos. Pelo menos na maioria dos grupos de guetos, sempre há o respeito aos mais velhos do movimento e que tentam sobreviver na filosofia, inclusive, mantendo-a.

Conseguimos visualizar o início das tribos urbanas lá nos idos dos anos de 1950 e 1960, com o movimento contracultural. Evidentemente, o movimento contracultural pode ser considerado um rompimento de paradigma nos âmbitos sociais e culturais, emergindo de um contexto histórico propício. Pode-se afirmar que o movimento foi uma forma de questionamento de tudo aquilo que é visto como vigente em um determinado contexto sócio-histórico. O país que ficou mais conhecido pela sua maior manifestação foram os Estados Unidos. Esse era um país que gozava de grande crescimento econômico, após a Segunda Guerra Mundial, e propiciou à classe média um padrão de vida atrelado a planos econômicos que colaboravam com sua emergência. Era de se esperar que os filhos dessa classe média emergente gozassem, como seus pais, desse “conforto”. Mas, ao contrário do que se esperava, eles rejeitaram e resistiram ao elogio cego à nação, ao trabalho que sofria demasiada influência da propaganda no período, à promessa de rápida ascensão social e buscavam refugiar-se das instituições

que estavam ali para impor-lhes valores que acompanhavam a tradição e também incentivavam o consumo desenfreado.

Faz-se necessário voltarmos os olhares para o movimento precursor do período: a geração *beatnik*. Estes foram exímios exemplos de jovens que se sentiram aniquilados como indivíduos e não se sentiram à vontade num sistema morno, desprovido de vida, ação e liberdade. Costuma-se fazer referências a esses jovens como sendo geralmente usuários de drogas para obtenção de êxtase, entretanto, particularmente, este foi apenas um detalhe de suas práticas, frente à revolução cultural que promoveram. Inseridos numa sociedade que diluía o indivíduo numa massa, estes jovens propuseram o repensar do indivíduo e, o mais sagrado, modificar seu *status quo*. Esse foi um movimento que, além de tudo, modificou a estética literária estadunidense.

O movimento dos *beatniks* era composto de jovens intelectuais americanos cansados da vida ordenada e da idolatria dessa sociedade americana do pós-guerra e resolveram por o “Pé na Estrada” – referência ao celebre livro de Jack Kerouac *On the Road* – regados a jazz, drogas, álcool, sexo livre, eles sublinhavam para si a intenção de fazer sua própria revolução. Ou seja, uma desconstrução da América macarthista da tão famosa “*american way of life*”. Os expoentes da geração eram Allen Ginsberg, Gregory Corso, Neal Cassidy, Jack Kerouac, William Burroughs, Gary Snyder, Ferlinghetti, Lamantia, McClure, Whalen, do grupo “Renaissance” de San Francisco. E ainda com a adesão do grupo “Black Mountain”, Creeley, Duncan, Olson. Eles eram os EUA do sexo, das drogas, do rock, da poesia. Foram a geração que antecipou a contracultura e os hippies. E, de certa forma, foram como Henry Thoreau (“Desobediência Civil” e “Walden ou A Vida nos Bosques”), só que nas cidades.

Todos esses aspectos de negação e resistência à sociedade vigente da época deram origem ao movimento contracultural, dos anos de 1960. Tal movimento marcou uma nova estética no terreno musical, literário, artístico e no que diz respeito também à filosofia de vida. Tendo como plano de fundo à Guerra do Vietnã, jovens de muitos lugares do mundo levantavam a bandeira da paz e do amor, tentando, através de atitudes artísticas, exaltarem o espírito humano. Inclusive, tentaram romper com qualquer coisa que viesse da sociedade ocidental capitalista burguesa, aproximando-se até mesmo de religiões orientais como o hinduísmo e o zen budismo. No campo musical, tiveram ícones como Janis Joplin, Bob Dylan, The Doors, Jimi Hendrix, The Beatles e outros clássicos.

Nas artes plásticas, encontramos expoentes como Jackson Pollock com seu expressionismo abstrato – sobre cuja influência já falamos nesta pesquisa – que rompia com a estética clássica e cheia de regras. E ainda a Pop Art, que utilizava imagens e símbolos que correspondiam a essa sociedade desenfreada de consumo para produzir uma dimensão crítica de reflexão sobre comportamento. Sem dúvida nenhuma, segundo Hebert Marcuse essa é a “grande rejeição”, é a crítica à indústria cultural.

No que tange à contemporaneidade, termos como terrorismo-poético, arte-sabotagem, anarquismo-virtual, se encaixam às novas ideias subversivas, apesar de não terem mais a mesma força, nem atingirem a proporção de antigamente. São novas formas de criar uma tensão e incomodar a sociedade atual. Em tais comportamentos, podem ser localizadas críticas à hipocrisia da sociedade, e a intenção, não é transformar de imediato a conjuntura, mas de incutir nos indivíduos, ao menos uma consciência sobre tal crítica. Apesar das controvérsias, particularmente, acredito que a contracultura perdurou até a contemporaneidade. Ramificações musicais e artísticas atuais têm suas origens no movimento contracultural dos anos de 1960, são desdobramentos da origem. Poesia marginal, o *punk rock*, o *heavy metal*, o *pós-punk*, artes plásticas contemporâneas são manifestações que devem suas origens à década de 1960, assim como as demais manifestações das tribos urbanas, também.

Logicamente que nem tudo são flores e esse movimento também gerou grupos que pregam o conservadorismo e a intolerância de ideias ultrapassadas como a homofobia, xenofobia e outras tantas “fobias” sem sentido, como, por exemplo, os *skinheads* neonazistas.

Não irei expor aqui a multiplicidades de todos os grupos de gueto existentes, pois isso ultrapassaria os âmbitos dessa monografia, mas, vale ressaltar que é dentro deste contexto que também emergem as modificações corporais. Essa coletividade afetiva, que é transitória, é baseada numa “ética da estética”, e expressões como “afeto”, “imagem”, “intensidade” e “emoções” são os fios condutores. A aparência aqui assume o papel da identificação. Cada grupo tem sua forma de se fazer ver e é pela estética que se identifica, torna-se reconhecível entre seus pares, no caso também da modificação corporal, modifica-se para experimentar sociabilidade grupal. Existem as diferenças também de *onde* se produz esses grupos e como eles se manifestam. A mídia tem um poder enorme em manipular, em construir grupos e valores e também de destruí-los, tirando-os de cena. Veja o caso de muitos grupos recentes que se formaram e já desapareceram, porque também sumiram de certa novela ou outro programa da

televisão. Grupos mais genuínos que sobrevivem à moda têm seus meios de se manterem marginalizados, como por exemplo, o uso de mídia própria (independente), como a produção de *fanzines*, suas bandas – e músicas – e diversos estilos, entre eles as marcas corporais.

Pergunta-se: por que da proliferação destes grupos juvenis, de gueto, muitas vezes *underground*, nas cidades contemporâneas? Talvez saibamos a resposta, talvez não. Sabemos que eles são necessários. Sabemos também que a hipermodernidade instala no indivíduo um sentimento de desamparo e esses agrupamentos denominados tribos urbanas preenchem esse vácuo existencial, garantido a sobrevivência de um ego que deseja partilhar emoções, sentimentos, fantasias e fetiches. Sabemos também que a família, com o passar do tempo, provou-se como uma instituição prestes a falir e que acaba cedendo espaço para a redefinição de papéis e, porque não, de espaços. As tribos urbanas vêm para acolher, nem que seja aparentemente.

Considerações Finais

*“All your hidden faces
Your seven veils unfold
Give me forbidden places
All your tales untold
Give me ever and always
Ever and always
Body and soul”*

Body and soul – The sisters of mercy²⁵

Tentamos de alguma maneira, nesta pesquisa, percorrer rapidamente, tendo em vista o caráter modesto e objetivos desse trabalho, os diversos olhares que se depositam sobre a *body modification* e seus desdobramentos. Percebemos que esta é uma tarefa não muito fácil, já que não existem ainda trabalhos propriamente historiográficos sobre o tema, e porque ao nos aventurarmos em terrenos alheios faz-se necessário o cuidado para onde se pretende pisar neste chão minado. Pois, se é preciso que haja multidisciplinaridade, é ainda mais preciso que haja cuidado redobrado.

Como esse não é um trabalho rigorosamente historiográfico, daqueles de se ir a um arquivo público, de se tirar a poeira do documento e fazê-lo falar, certamente terão ficado aqui algumas lacunas e perguntas ainda sem respostas. Contudo, sei que termino – ou não – este trabalho ainda com algumas escuridões e inquietações que sei que vão perdurar e me acompanhar em minhas futuras pesquisas, e, melhor ou pior, sei que algumas das respostas requisitadas por minhas perguntas ainda ficarão no ar.

Porém, estou aqui mais para questionar, longe de mim pretender solucionar as grandes questões que muitos já se fizeram no mesmo sentido. A intenção aqui foi levantar questionamentos e fazer uma breve explanação sobre as ligações entre a *body modification*, a *body art* e, durante este processo, dedicar um rápido olhar para as sensações que tal modalidade transmite, não só para os seus praticantes, mas ainda o modo como estes trabalhos também contêm inúmeras iconografias, e a presença de uma intenção de também mostrar (-se) e, conseqüentemente, causar sensações.

²⁵ Música da banda inglesa de pós-punk *The Sisters of Mercy*, da década de 1980. Tradução: Todas suas faces ocultas/ Seus sete véus revelados/ Dê-me lugares proibidos/ Todos seus contos não contados/ Dê-me eternamente e sempre/ Eternamente e sempre/ Corpo e alma.

Impossível falar de assunto e não aludir à ambiguidade que este assunto traz: o horror e a fascinação. Horror e fascinação que também causavam, e causam ainda, as grandes cidades, lugares onde nasceram essas práticas com o corpo. Parece, afinal, que tudo que nos é moderno dança entre o horror e a fascinação.

Pudemos perceber também que as opiniões sobre o tema são diversas, mas, o mais grave foi confirmar que essa questão ainda causa intolerância e preconceito. Porém, nos parece que os modificados gritam: “quanto mais intolerância, mais te agrido visualmente”. Se é contestação ou não, se é arte ou não, se é doença patológica mental ou não, se é apenas um sintoma performático da contemporaneidade ou não, se acusa uma incerteza perante os processos identitários ou não, se é uma fuga do desamparo contemporâneo ou não, se é dissidência ou não, se é espiritual ou não, se são utopias somáticas ou não, se é sadomasoquismo ou não, tudo isso eu não sei. Creio que poderia afirmar que se trata de tudo isso, que é algo necessário e que eu sei que eles existem.

Verificamos o processo de formação das tribos urbanas e seu contexto histórico e pontuamos seu nascimento em meio a praticamente um cataclismo social. Agora, se elas se configuram como sendo boas ou ruins, também não sei, mas sei que elas proporcionam amparo e concedem permissões. Saciam, ainda que aparentemente. Têm sua história, história de pessoas que gritam para o mundo: “para ele, que eu quero descer!” As insatisfações perante o mundo podem não ser sublimadas das maneiras mais convenientes, mas sempre o são de alguma forma, nem que seja furando a si mesmo.

E foi diante de tudo isso que me vi mais curiosa e inquieta. Comecei essa pesquisa com certezas, agora, no entanto, a encerro com um vazio. Um vazio que no entanto é capaz de alimentar dúvidas e inquietações produtivas.

E ainda me fica a pergunta: modificação corporal para quê? Dor, para quê? Qual o sentido transcendental dessa dor impingida propositalmente? Qual a necessidade de se ferir para sentir que se está vivo? Até aonde vai o limite do que os autores chamam de “anestesia sensorial”? Poucos ainda são os teóricos que estão discutindo este assunto, apesar do interesse crescente pelo tema, apesar de alguns estudantes estarem se aventurando por esse tema, ou estarem abordando a questão apenas por modismo. Para mim, acredito ser necessário haver mais preocupação e nada de modismo no tratamento desse tema.

Minhas lacunas nesta pesquisa representam minhas dúvidas e inquietações ainda em relação ao tema que, literalmente, calaram-se em silêncio em mim, ao menos por enquanto.

Se hoje já é preciso conseguir outros lugares para se poder afirmar quanto aos princípios de identidade, daqui há alguns anos, quais serão os outros artifícios empregados? Se tais métodos hoje usufruídos são eficazes não sabemos, mas, enquanto calarem as vozes dos jovens, eles sempre arrumarão um lugar – ou um não-lugar – para poderem existir e sobretudo, *sentir!*

Diante da pergunta que fiz na primeira parte desta pesquisa sobre as novas formas de sentir na hipermodernidade, gostaria de encerrar com a seguinte resposta: sim, os jovens contemporâneos estão experimentando novas formas de sentir.

Referencias

ABONIZIO, Juliana. FERNANDES DA FONSECA, Ana G. Mendes. Modificação Ritual do Corpo: Dor, Morte e Nojo nos Freak Show's. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO. e-cadernos CES, 08, 2010: 49-61.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10º ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.

BALANDIER, Georges. *O contorno: poder e modernidade*. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2001.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Companhia das letras. 1986.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo*. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre. IFCH – UNICAMP. Campinas. 2006.

DOSSIN, F. R. RAMOS, Celia M. Antonacci. Corporalidades no urbano contemporâneo: a body modification e os *modern primitives*. In: IV ENECULT –

Encontro de Estudos Multidisciplinares em cultura. UFBA/Faculdade de comunicação. Salvador. 2008.

FEATHERSTONE, M. O. Desmanche da Cultura-Globalização, Pós-Modernismo e Identidade. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FERREIRA, Vítor Sérgio. *Marcas que Demarcam: Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis*. Lisboa: ISCTE, 2007. Tese de doutoramento.

FREUD, Sigmund. “O estranho”, 1919. In: _____. *História de uma neurose infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-270. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2005.

HAROCHE, Claudine. *A condição sensível: Formas e Maneiras de Sentir no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. Contra Capa, 2008.

HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JANEIRO, Mariana. *Freak Out – Le Freak C’est Chic*. Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP), TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), Fotografia, 2010.

LASCH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LASTÓRIA, L. A. C. N. (2004). Utopias somáticas como contraface da distopia social. Anais do Colóquio Internacional Teoria Crítica e Educação, Piracicaba, SP. p. 1-8.

MAFFESOLI, Michel. *Ética da estética. Papeis avulsos 3*. Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos. 1990.

_____. *O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1987.

MARCUSE, Herbert. “A arte na sociedade unidimensional”. _____ In: LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 250. O ensaio foi publicado pela primeira vez em 1967, na revista *Arts Magazine*.

MARTINI, André de; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Novas notas sobre "O estranho". *Tempo psicanal.*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, jun. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 29 mar. 2013.

MARTIN, Carla Ruiz. Movimento de contestação ou agressão ao corpo? Uma discussão sobre a Body Modification e a arte da *performance* na década de 90. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011, p.1-16.

NASCIMENTO, Márcio A. N. do. PERES, William Siqueira. Pode o body modification produzir resistência ao binarismo sexual? Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis. Doutorado (recorte da pesquisa em andamento) Área: Psicologia
Ano: 2012.

ORTEGA, F. “Das utopias sociais às utopias corporais: identidades somáticas e marcas Corporais”. _____ In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (orgs.). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

RODRIGUES, Alexandra Arnold. CANIATO, Angela Maria Pires. "Corpo-mercadoria", sob controle e punição: prenúncios de uma subjetividade aniquilada? Rev. Mal-Estar Subj.[online]. 2009, vol.9, n.2, pp. 647-687.

SANTOS, José Mario Peixoto. Breve Histórico da “performance art” no Brasil e no mundo. In: Revista Ohun, ano 4, n. 4 , p. 1-32. Dez. 2008

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”, *O Percevejo*, ano 11, 2003, n. 12, p. 25 a 50

SEIXAS, Jacy Alves. A imaginação do outro e as subjetividades narcísicas: um olhar sobre a invisibilidade contemporânea [o Mal-Estar de Flaubert no Orkut]. In: NAXARA, Márcia R. C.; MARSON, Izabel A.; MAGALHÃES, Marion B. de. (Org.). Figurações do outro na história. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SOARES, Thiago Ricardo. A modificação corporal no Brasil – 1980-1990. Centro Universitário FIEO. Iniciação Científica Área: História, Ano: 2011.

Scharinger, Joana Pantoja, Chatelard, Daniela Scheinkman. Freud o pensador da diferença. In: Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. X – Nº 2 – p. 399-424 – jun/2010.

Referências diversas:

PIRES, Beatriz Ferreira. *Freak Shows* - Eventos Contemporâneos Realizados por Adeptos da Body Modification. Revista Travessias - Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte, v. No. 02, p. imagens e sons, 2008.

CARDOZA, Isabela Fonseca. *A sociedade pós-moderna e o fenômeno das tribos urbanas*. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/bibliotecavirtual/revista/lato/pdf/lato42a4.5.pdf>. Acesso em 24 out. 2006.

COUTINHO, L.G. *Um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do Individualismo*. Disponível em: <http://www.rubeco.psc.br>. Acesso em: 02 jun. 2003.

FREHSE, Fraya. Como Realidades Que como "tribos Urbanas"

CRIAM. Rev. bras. Ci. Soc. , São Paulo, v 21, n. 60, fevereiro de 2006. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000100012&lng=en&nrm=iso>. acesso em 11 de abril de 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000100012>.

Freak show 1940 <http://www.youtube.com/watch?v=-K9STCgY4sY>

Acessado: 25/03/2013 às 20:42

<http://www.youtube.com/watch?v=7QksIczveRs&list=PL4850C948A8EAF483>

(idem, 20:50)

<http://www.youtube.com/watch?v=OZfWhu9YuCU>

(idem, 21:05)

SILVA, Valdirene Cássia da; COUTO, Edvaldo Souza. Interfaceamentos Contemporâneos: Tecnologias Digitais e Urbanas tribos não Contexto Escolar. Educ.rev., Belo Horizonte, v 28, n. 2, junho de 2012. Disponível a partir do <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 de abril de 2013.<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000200015>.

VOLPI, José Henrique. “Body modification: uma leitura caracterológica da identidade inscrita no corpo.” encontro Paranaense, congresso brasileiro de psicoterapias corporais, XIV, IX, 2009. Anais. Curitiba, Centro Reichiano ,2009 CD-ROM – ISBN: 9788587691163 disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Último acesso: 28/01/2013.

Referencia das Figuras:

Figura 1e 3: membros de tribos da Etiópia.

Figura 2. Acesso: 08/07/2012:

<http://sweetcherryalargadores.blogspot.com.br/2011/07/conheca-historia-dos-alargadores.html>

Figura 4. Acesso: 10/08/2012: <http://www.arthistoryspot.com/2010/02/jackson-pollock/>

Figura 5. Acesso 10/08/2012

http://arthistory.about.com/od/dada/ig/DadaatMoMANewYork/dada_newyork_02.htm

Figura 6. Acesso 15/01/2013

<http://cafehistoria.ning.com/group/historiaearte/forum/topics/marcel-duchamp-genio-ou>

Figura 7/8. Acesso: 01/04/2013 <http://www.redhairtattoo.com/2010/07/francesa-orlan-fala-sobre-arte-de.html>

Figura 9; retirada da pagina do Facebook: 03/04/2013

<http://www.facebook.com/photo.php?fbid=420192478058498&set=pb.349627138448366.-2207520000.1364904816&type=3&theater>

Figura 10/11. Acesso: 02/04/2013 <http://www.frrrkguys.com.br/shows-suspensoes-e-performances-marcaram-a-hurt-fest-2/>

Figura 12/13. Acesso: 02/02/2013 [wwwhttp://suicidegirls.com/](http://suicidegirls.com/)

Figura 14/15. Acesso 02/02/2013 <http://suicideboyz.tumblr.com/>

Figura 16. Acesso: 02/04/2013 <http://diversao.terra.com.br/tv/programas/veja-casal-que-alega-ter-sido-barrado-na-globo-por-preconceito,64bfda5f0e7cd310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>

Figura 17/18/19. Acesso: 25/03/2013 <http://bistrocultural.com/16139/as-fotografias->

[bizarras-de-charles-eisenmann.html](#)

Figura 20/21/22/23. Acesso: 05/04/2013)

http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_002/imagens_003.htm

Figura 24: Acesso: 03/04/2013 <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/egito/historia-do-egito-3.php>

Figura 25. Acesso: 04/04/2013 <http://madeinjapan.uol.com.br/2009/12/30/a-princesa-da-yakuza/>.

Figura 26/27. Acesso: 04/04/2013:

<http://www.tatootatuagem.com.br/significados/2263/a-origem-da-tatuagem-na-yakuza/>

Figura 28/29. Acesso: 05/04/2013 <http://dianatattooer.blogspot.com.br/2012/01/um-pouquinho-de-historia.html>

Figura 30. Acesso: 05/04/2013 <http://www.frrrkguys.com.br/jefferson-saiint-fala-sobre-a-tatuagem-no-globo-ocular/>

Figura 31/32. Acesso: 05/04/2013 <http://misturaurbana.com/2013/02/a-arte-de-xoil-needles-side-tattoo/>

Figura 33/34. Acesso: 05/04/2013

http://www.iritupiercer.com/iritupiercer/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=65

Figura 35/36. Acesso: 05/04/2013 <http://weheart-bodymodification.blogspot.com.br/2012/09/body-modification-escarificacao.html>

Figura 37/38. Acesso: 05/04/2013

<http://superlarihworld.blogspot.com.br/2012/02/bifurcacao-da-lingua.html>

Figura 39/40. Acesso 05/04/2013:

<http://corvuxcorvux.files.wordpress.com/2010/09/implantes-subcutaneos.jpg>

Figura 41. Acesso 05/04/2013 <http://minilua.com/bizarra-modificacao-corporal-corset-piercing/>

Figura 42. Acesso 05/04/2013: <http://www.noticiaki.com/piercing-no-nariz-fotos-cuidados-e-cicatrizacao.html>

Figura 43. Acesso 04/04/2013 www.bmezine.com 44/45 : <http://chico-mineiro.blogspot.com.br/2010/04/nao-sou-la-entendido-de-body-art-mas.html>

Figuras 46/47/48/49. Acesso 04/04/2013

www.BMEzine.com

Figura 50/56. Acesso 05/04/2013

http://www.tumblr.com/tagged/fakir%20musafar?language=tr_TR